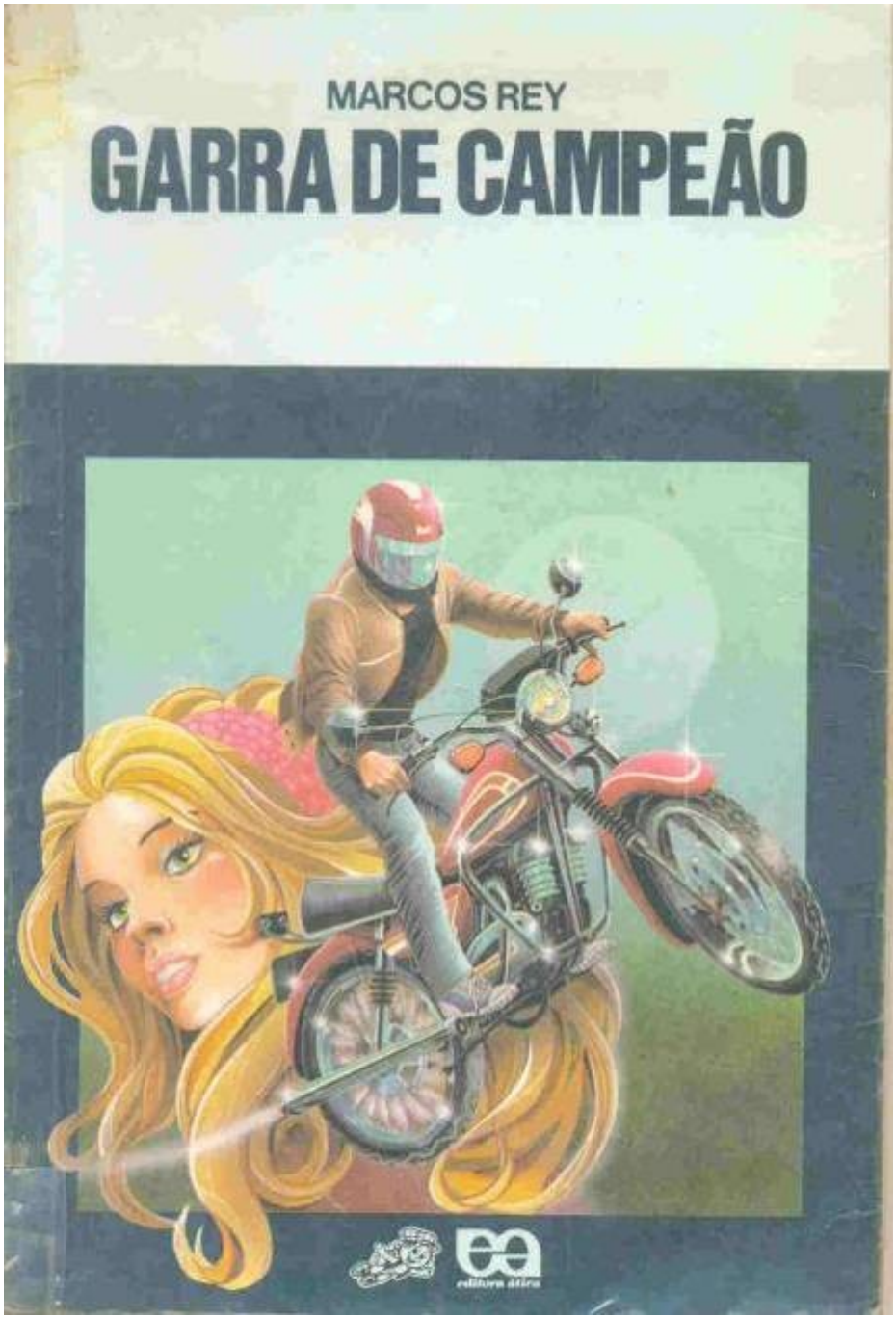
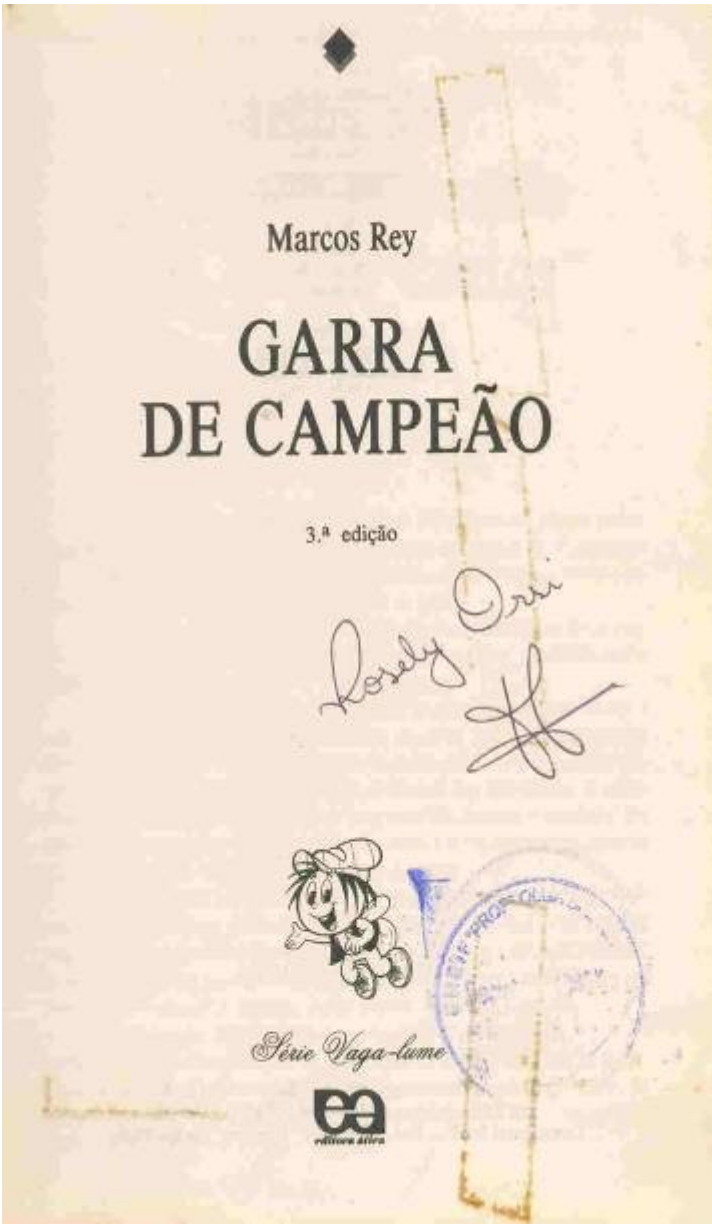


DIGITAL Source
Viciados em Livros
seu grupo de compartilhamento de ebooks
http://groups.google.com/group/digitalsource
http://groups.google.com/group/viciados-em-livros1

Marcos Rey

GARRA DE CAMPEÃO

3ª edição



TEXTO
Editor
Fernando Paixão
Assistente editorial
Marta de Melo e Souza
Preparação dos originais
José Roberto Miney
Suplemento de trabalho
Cândida Beatriz V. Gancho

ARTE
Editor
Ary A. Normanha
Ilustrações
Marcos de Sant'Anna

Arte-final
Antonio U. Domiencio
Coordenação de composição
Neíde Hiromi Toyote

ISBN 85 08 029 75 6

1999

Todos os direitos reservados pela Editora Ática **S. A.**
Rua Barão Iguape, 11O — Tel.: (PABX) 278-9322
Caixa ostal 8 656 — End. Telegráfico “Bomlivro” — São Paulo

Marcos Rey:

presença marcante nos quatro cantos do país

Irreverente, cheio de bom humor e otimismo em relação à vida, Marcos Rey é dos autores mais populares junto aos estudantes de 1° grau, que se identificam com a espírito jovem de suas histórias modernas, cuja trama e linguagem acompanham o ritmo veloz dos dias de hoje.

Para se ter uma idéia do espetacular sucesso desse autor, seus livros juvenis, todos publicados pela série Vaga-lume da Editora Ática, são amplamente adotados pelas escolas de todos os Estados do país.

Esse enorme êxito pode ser explicado pelo seu talento versátil de escritor e uma incrível disposição para o trabalho. Autor de vários romances e contos para adultos, Marcos Rey é também um homem de publicidade e televisão. (Veja no final desta edição a lista completa das obras de Marcos Rey.) Foi redator de episódios do **Sitio do Pica-pau Amarelo e** do programa **Vila Sésamo** e adaptador das clássicos **O príncipe e o mendigo,** de Mark Twain e **A moreninha,** de Joaquim Manuel de Maceda, duas telenovelas muito assistidas.

Esse paulistano, cuja cidade natal é fonte de inspiração para a maioria de seus romances urbanos, já recebeu vários prêmios literários, teve livros transformados em peças de teatro, filmes e programas de TV, como a aplaudida minissérie **Memórias de um gigolõ**. Conta também com textos seus traduzidos para outras línguas — espanhol, italiano, inglês, alemão, finlandês e japonês.

Para completar, após uma longa carreira literária, Marcos Rey agora faz parte da Academia Paulista de Letras, o que significa o reconhecimento da importância de sua obra. E apesar de ter se tornado um imortal, continua mais vivo e humano do que nunca, tramando novas e emocionantes aventuras para jovens e adultos.

Um agradecimento duplo para
Carlos Caldas *e* Roberto F. Agresti
Jornalistas especializados que explicaram a mim (a Felipe) tudo o que esta história relata — organização, manhas a macetes — sobre motocross.

Marcos Rey

GARRA DE CAMPEÃO

Sampa City, aqui estou eu!

1.

Ultrapassou uma Kombi branca cheia de gente, malas e alegria, devia ser uma família rumo às férias na praia; nem precisou acelerar para que um fuscão queimando óleo, dirigido por um homem idoso de boné, ficasse na rabeira; uma guinada à direita e pôs a perder de vista um caminhão verde, pesadão, que roncava no asfalto; com ônibus todo cuidado é pouco, quase se azarara uma vez, mas de olho vivo, concentrado, passou por dois. Não costumava abusar nas rodovias, aliás fazia a primeira viagem longa, uns duzentos quilômetros, emoção que somada à manhã, toda azul, e ao vento, uma delícia, convidava-o a imprimir maior velocidade à sua moto.

Mas nunca faltam malucos dispostos a competir. Em certo trecho da estrada ia lento a pensar na mãe e na irmã casada que ficaram no interior e imaginando como seria sua vida em São Paulo, para onde se mudava, quando um cuca-fresca, sobre uma moto muito mais potente que a sua, fez-lhe um tchau com a mão, desses que humilham, e arrancou cem metros à sua frente.

Felipe, chamava-se assim, sabia que sua máquina não era lá muito veloz, razão de sua especialidade em curvas e obstáculos, porém acelerou com apetite. Surpresa! Num instante emparelhava-se com a outra moto, uma *350,* que lhe pareceu preparada para algum tipo de competição. Ele próprio, o piloto, mais que simples motoqueiro, tinha cara e jeito de quem participava de corridas.

Vendo a aproximação, o moço da *350* fez outro movimento com a mão — “Siga-me se tem peito!” — e distanciou-se novamente. Felipe não abandonou o páreo, quis mais. Alguns quilômetros além, voltava a colocar-se pouco atrás do corredor, mas como se quisesse apenas acompanhá-lo. Os artistas da velocidade nunca se precipitam, como aprendera nas provas assistidas no interior, mas também jamais perdem oportunidade para ultrapassar. E lá estava uma: à frente, um

congestionamento e algumas curvas fechadas. Firmou o capacete na cabeça, proteção é proteção, falou qualquer coisa com Deus, meteu-se entre alguns carros, tornou a emparelhar com a *350,* soltou a mão para o tchau, passou-a, e mergulhou numa seqüência de curvas em declive, no que era pra lá de bom.

Felipe acelerou até o limite da capacidade da máquina, rindo de boca toda, mas não era nenhum bobo. Sabia que o outro, com aquela *350,* logo o alcançaria no primeiro retão. Bancou o esperto: parou e escondeu-se num posto de gasolina. Em seguida, sem vê-lo, o motoqueiro da outra moto surgia na maior doideira, todo curvado, não entendendo como uma 180 pudera avançar tanto à sua frente.

"Ele vai correr atrás de nada até Sampa City", pensou Felipe, reavivando o sorriso que esquecera na estrada. "É até capaz de vender sua bela *350* por uma mixaria, só de raiva."

— Gasolina? — perguntou o frentista.

— Não, chapa, só queria um copo de água.

2.

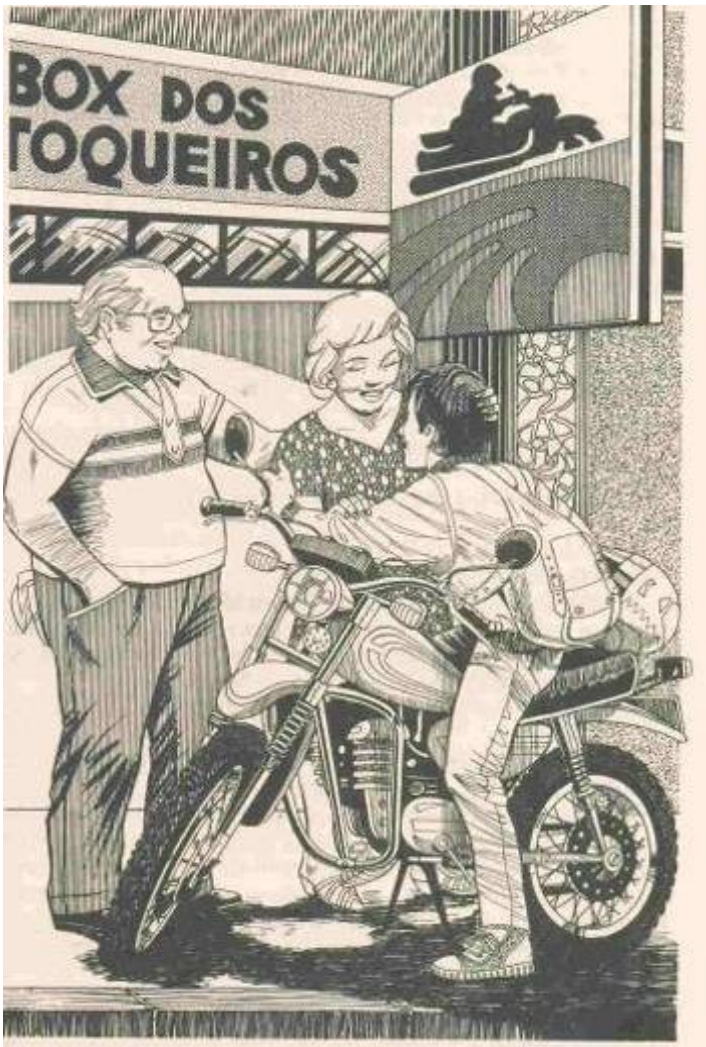
Clóvis, tio de Felipe, estava com aquela cara larga e simpática à porta principal do seu estabelecimento. Era um desses tipos tão legais que até os estranhos, quando passavam por ele, diziam bom-dia. Ninguém o surpreendia de mau humor, azedo, mesmo se caísse tempestade ou se a freguesia desaparecesse por uma semana. Uma vez, já com quarenta, pegou caxumba — imiaginem! —, mas nem assim se queixou ou guardou sua cordialidade na gaveta.

Chegando em sua moto depois do mundão de estrada e do pega com a *350,* Felipe viu a placa à distância: BOX DOS MOTOQUEIROS, toda vermelhuda, com letras amarelas. Sabia que o irmão de dona Glória (beijoca, mamãe) era do ramo, proprietário de uma oficina de motos, mas não daquele tamanho!

— Eh, homem gordo, quer comprar minha motoca? Clóvis berrou para o interior do estabelecimento:

— Lola, chegou o novo inquilino! — E foi aproximando-se do sobrinho ainda sentado na moto. — Vai me dizer que veio lá dos confins dirigindo esse caco velho?

— Vim e deixei pra trás um chato que quis me esnobar com uma *350.*



Chegando em sua moto, depois do pega com a 350, Felipe foi recebido com carinho e entusiasmo pelos tios Clóvis e Lola.

Clóvis sabia tudo sobre motocas, não dava para acreditar.

— Nem a Lola vai engolir essa lorota, a não ser que o da *350* fosse xarope ou um velhinho apenas tomando ar.

— Não, tio, o cara era moço e chegado no lance. Passou por mim zunindo como uma abelha e me deu tchau. Quando descuidou...

Lola apareceu à porta da oficina, loura, bonitona, uns dez anos mais jovem que o marido e desinibida, solta, como ele. Poucas vezes haviam se visto, ela e Felipe, mas ficara bastante entusiasmada ao saber que o sobrinho estava de mudança para a capital.

— Seu quarto está prontinho! — informou Lola. — Espero que goste.

Felipe mandara suas roupas e pertences por uma

transportadora.

— Meus trastes chegaram?

— Estão todos no quarto. Vamos entrar.

Tio Clóvis e sua mulher moravam lá mesmo; nos fundos havia um quintalzinho e mais outra construção, a casa do casal, com uma sala bem mobiliada, dois quartos e tudo mais. O dono do estabelecimento não precisava apanhar condução.

— Este é seu quarto — mostrou-lhe Lola. — Que acha?

— Demais!

— Ótimo que tenha gostado. Espero que goste também da comida. Vou pôr o almoço na mesa.

Se a viagem deu fome a Felipe, dobrou quando o cheirinho bom das panelas de tia Lola invadiu a sala. Sentiu que ia viver muito bem naquela casa, e que o homem gordo, seu tio, seria um grande amigo. Quanto à Lola, era uma tia sob encomenda, dessas que é ver e gostar, e sobretudo uma cozinheira que não perdia para dona Glória, como provavam aqueles incríveis bolinhos de bacalhau.

— Então apostou corrida na estrada?

— Quiseram curtir uma comigo, mas quem riu por último fui eu.

Clóvis deu um conselho que distribuía a todos os motoqueiros:

— Estradas e ruas não foram feitas para corridas. Quem gosta de velocidade que vá às pistas.

— Completamente de acordo, tio — disse Felipe. — Mas o doidão era o outro. Vou contar como aconteceu.

Quando Felipe concluiu sua história, Clóvis e Lola riram a valer, mas o rapaz ainda estava na fase de examinar o ambiente. Que troféus eram aqueles sobre os móveis? Foi observá-los de perto, curiosamente.

— São meus — esclareceu Clóvis. — Não sabia que fui corredor de motos?

— Que havia ganho tantos troféus, não.

— Eu não era dos piores.

— Fui eu que o proibi de levar tombos — disse Lola. — Quando casamos, obriguei-o a desistir.

— E o senhor obedeceu? — perguntou Felipe, interessado.

— Bem, eu estava engordando muito. Também com essa comida que ela faz...

Lola impedira que o marido corresse, mas ainda se orgulhava das façanhas esportivas dele.

— Mostre-lhe o álbum de recortes.

Clóvis resistiu, modesto:

— Felipe não vai querer perder tempo. O passado já passou.

Lola apressou-se em pegar o álbum de recortes, que entregou ao sobrinho.

— Vá dar uma olhada em seu quarto. Esse gorducho foi até capa de revista. Muito famoso!

— Foi por causa do meu cartaz que ela se casou comigo — explicou Clóvis, piscando um olho: — As garotas se apaixonam pelos campeões.

3.

Felipe foi para o quarto e largou-se na cama com o volumoso álbum de recortes de jornais que contavam a história de tio Clóvis no motociclismo. Eram notícias, entrevistas, reportagens, quase todas com fotos que mostravam o campeão, naturalmente magro, cruzando retas de chegada, tomando champanha pelo gargalo de enormes garrafas, recebendo troféus, beijado por entusiasmadas admiradoras. Até no exterior, Buenos Aires, correra e ganhara, o que uma capa de revista registrava. Folhear o álbum era como assistir a um filme, cheio de cores e ação.

A porta abriu, era o tio.

— Não imaginava que o senhor já teve essa bola toda — disse Felipe.

— Mas ninguém lembra mais disso. Gosta de corridas de moto?

— Lá no interior nunca deixei de assistir.

— Sabe que tem o nome dum grande campeão? Felipe Carmona. Deram-lhe esse nome por sugestão minha. Seu pai concordou, com uma condição. Vai se chamar assim, mas nada de tentar fazer dele um corredor, ouviu?

Felipe lembrou-se do pai, já falecido.

— Ele costumava dizer que a vida já é uma grande disputa. Hesitou muito, antes de me dar o primeiro par de patins.

Clóvis sentou-se na beirada da cama.

— Era bom de patins?

— Não dos mais velozes, mas sabia dar saltos. A turma gostava de ver. Depois veio a bicicleta. Era paradão em subir morros, atravessar terrenos acidentados, descer escadas e o diabo a quatro. E não me importava se chovesse ou fizesse sol.

— E como aprendeu a andar de moto?

— Nas motos dos amigos. Mamãe ficou com receio que me desinteressasse dos estudos. Para provar a ela que não, aquele ano tive boas notas em todas as matérias. Dona Glória ficou tão contente que me comprou essa 180 usada.

— E a partir daí não recusou nenhum desafio, como esse da estrada.

— Não, tio, comecei a fazer com a moto o que fazia com a bicicleta, atravessar terrenos baldios, saltar buracos, escalar morros. Acho mais emocionante do que correr simplesmente.

Clóvis levantou-se com uma cara séria, que Felipe ainda não conhecia.

— Vou lhe dar uma notícia chata. garoto.

— Qual?

— Você não pode andar pela rua com a moto

— Por quê?

— Não tem carta. Ainda não completou dezoito anos. Certo?

— Certo, mas... Na minha cidade nunca houve problema.

— Mas São Paulo não é uma cidadezinha de vinte mil habitantes. Aliás, acho que teve muita sorte em não ser barrado pela Polícia Rodoviária. Podia ficar sem a máquina.

Felipe não pensara nem de leve nesse obstáculo, que, pelo jeito, não dava para saltar.

— Mas, tio, não fico um dia sem dar um passeio...

— Paciência.

Uma possibilidade:

— E tarde da noite? Apenas pelo quarteirão...

Clóvis sacudiu a cabeça:

— Não. Pensa que não há policiamento noturno em São Paulo?

Angustiado, o garoto perguntou, levantando-se:

— Então, o que faço?

Resposta rápida e aguda:

— Posso vender sua moto.

Felipe não esperava por essa.

— Vender? Nunca. Preferia vender um braço.

— Lamento, Felipe, lamento.

Felipe lamentava mais ainda:

— Nesse caso, o que me resta é... voltar para o interior.

Clóvis foi até a porta. Por brincadeira, sugeriu outra saída:

— ... ou correr em pistas. É permitido aos menores de idade, com autorização da família.

4.

Mais tarde, ao passar pelo quintal, Felipe viu sua 180, já guardada pelo tio. Aproximou-se, olhou-a e tocou-a como se fosse peça de museu. Quase chorou. Na oficina, conheceu Tuta, mecânico do estabelecimento e grande amigo do casal, um homem magro, enfiado num macacão verde, cheio de nódoas de graxa, porém mesmo se usasse qualquer roupa, até *smoking,* quem o visse logo diria: lá vai um mecânico. Tinha a cara e o jeito da profissão.

— É o melhor mecânico de motos da cidade — garantiu Clôvis. — Principalmente de máquinas de competição.

Tuta tinha uma pergunta para Felipe:

— A motoca que seu Clóvis levou para o quintal é sua?

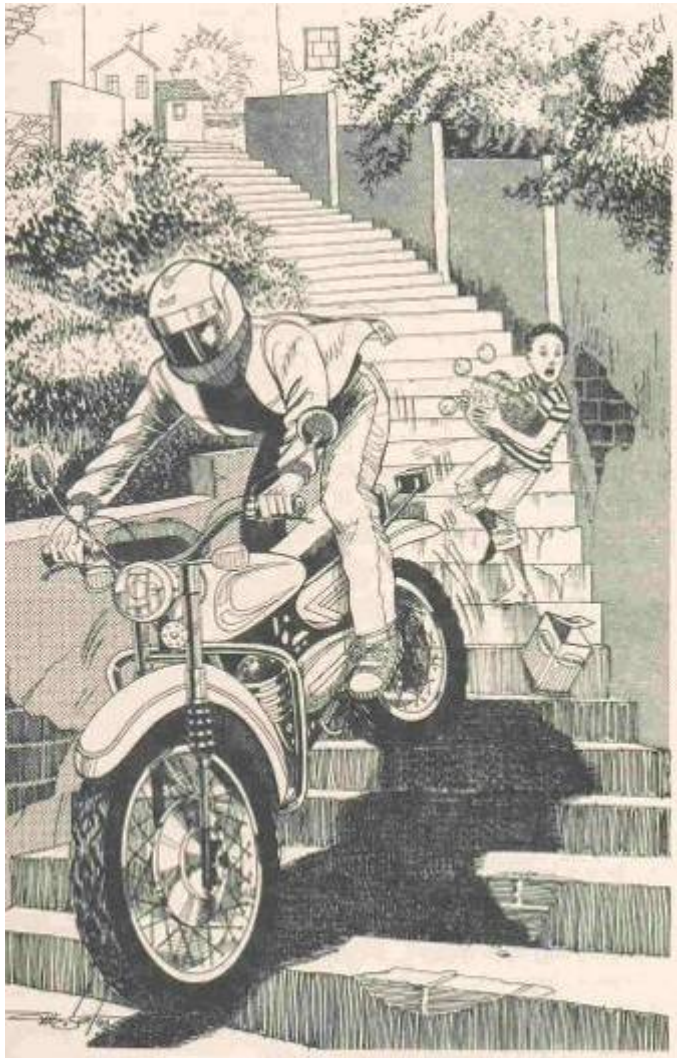
— É.

— Quer que eu dê uma mexida nela? Poderá render muito mais.

— Pra quê? — retrucou Felipe. — Não vou andar mais com ela, sou menor.

Durante três dias Felipe teve de se contentar com papos sobre marcas e cilindradas, assuntos inesgotáveis naquela oficina, mas o que queria mesmo era dar umas bandas pela cidade, testar sua habilidade no trânsito, matar saudade da moto. Certa tarde, aproveitando a ausência do tio, pegou a 180, disse a Tuta que voltaria em um minuto e ganhou a rua. A princípio, tudo bem, dirigindo sem problemas, na maciota, para não despertar atenções. Que diferença passear nas ruazinhas tranqüilas de sua cidade! Havia trânsito demais naquela avenida! Cansou-se logo e cruzou uma esquina à procura de vias mais desembaraçadas. Decisão tomada num momento errado: assim que se viu fora do movimento, percebeu que alguns guardas de trânsito, junto a uma viatura estacionada, olhavam para ele. “Será que mesmo usando esse capacete notaram a minha idade?”, admirou-se Felipe. A pergunta virou

certeza, quando, pelo retrovisor, pôde ver os guardas entrando no carro apressadamente. Iam fazê-lo parar, pedir documentos, tirar-lhe a moto. Com que cara ficaria diante do tio? Mal chegara e já dava trabalho. “O senhor que trabalha com motos permite que um menor de idade, sem carta, ande por aí, se arriscando e arriscando a vida dos outros?”, diriam os policiais. Acelerou, com a viatura atrás, os guardas apitando. Que correria! Dobrou esquinas, subiu e desceu ruas em aclive e declive, circulou em torno de praças, perdeu-se em bairros que desconhecia, retornou por acaso àquela avenida movimentada, e sempre que se julgava livre, via o carro policial outra vez. Sua sorte foi passar entre dois ônibus, quando ganhou distância, mas em seguida fez a besteira de entrar numa ruela ou vila sem saída, dessas que ainda existem, às pencas, na parte velha de São Paulo. Besteira, sim, porque lá estava a incansável viatura à entrada do beco. “Devem estar pensando que sou um delinqüente juvenil”, receou Felipe, com a moto parada, reconhecendo que estava cercado. Nisso, olhou entre duas casas e percebeu que havia um espaço vazio.



Felipe lançou-se com a moto na escadaria, quase caiu ao desviar-se de um garoto, mas chegou ao final sem um arranhão.

Dirigiu a moto até lá. Entendeu: a vila situava-se numa região alta da cidade, montanhosa, e o fundão comunicava-se com outro bairro através de uma escadaria de uso público, muito íngreme e esburacada. Não teve tempo para considerar se seria capaz ou não de descê-la com a moto. Já descera outras, mas não como aquela, e em tais circunstâncias. Quando se lançou na proeza, ouviu a viatura brecar. Foi em frente, todo inclinado, tentando controlar a respiração nervosa e a velocidade da máquina. Um garoto que subia as escadas carregando uma cesta cheia de laranjas quase o faz perder o equilíbrio, mas foi só um instante. Na metade da escadaria, já seguro, pôde soltar mais o breque, certo de que não quebraria o pescoço.

Ao chegar à rua, ao plano, olhou para o alto e, vendo a vila lá em cima, nem acreditou que pudera descer tantos degraus. Agora só lhe restava descobrir onde ficava a oficina do tio. Ainda teve de rodar quase meia hora para chegar ao BOX DOS

MOTOQUEIROS, e com que alivio! Deixou a moto no quintal, tomou um copo, não, dois, de água, e foi largar-se, suado, na cama.

Algum tempo depois a porta abria, o tio.

— Que cara é essa? — perguntou a Felipe.

— Tio, estou pensando em voltar. Não sei se vou me acostumar aqui. Meu pai nunca se acostumou.

Clóvis ficou um instante calado, sofrendo uma visível decepção.

— Está certo, Fê. A vida é sua. Mas não vá antes de domingo. Quero que assista a um espetáculo. Ao menos levará uma bela lembrança para casa.

5.

Clóvis tinha razão: aquilo era um espetáculo, uma festa, uma sensação. Já à distância via-se um mundo de flâmulas, dísticos e bandeirolas de cores, formatos e tamanhos diversos. Um enorme zepelim pairava sobre o terreno, ostentando o nome e o famoso emblema de certa marca de refrigerantes. Havia também um som quente, espalhado por alto-falantes estrategicamente dispostos, produzido por um conjunto de *rock, heavy metal,* o Satellite Five, escalado para animar a tarde.

Durante a viagem, no carro de tio Clóvis, Felipe perguntara:

— Afinal, aonde estamos indo?

— Ás corridas — informou Lola, entusiasmada. — Não perdemos uma.

— Corridas de quê?

— Corridas de moto — disse Tuta. — Seu tio não lhe falou?

— Quis que tudo fosse surpresa — revelou Clóvis. — Conhece *motocross?*

— Não — respondeu Felipe. — Que tal?

Tuta encarregou-se da resposta.

— Desde que assisti à primeira, me desinteressei pelas provas de velocidade. Ficaram monótonas. *Motocross* exige mais habilidade, mais experiência, mais...

— Vocação — completou Clóvis. — É preciso nascer com algo mais para saltar um obstáculo atrás de outro.

Felipe viu-se descendo a escadaria da vila, na moto, quan-

do a viatura o cercou. Muitos teriam desistido. Ele foi em frente. Seria à tal vocação a que o tio se referira?

— O senhor disputou corridas de *motocross?*

— No meu tempo ainda não havia *motocross* no Brasil. Mas se tivesse sua idade... Você vai ver, Felipe, quantas gatinhas andam rondando pelas pistas!

Clóvis encostou o carro entre centenas de outros, e também de motos, num disputado estacionamento. Lá estava o zepelim, lindão, boiando sobre a pista e as arquibancadas. Embaixo, o que logo chamava a atenção era o grande número de barracas coloridas, de talhe elegante, onde vendiam refrigerantes, sanduíches, tortas, doces e adesivos com os logotipos das marcas que disputavam os campeonatos de *motocross.*

Felipe, encantado com tudo, não quis ir logo para as arquibancadas, preferindo dar uma olhada na pista e nos boxes, onde pilotos e mecânicos, curvados sobre as máquinas inscritas, ultimavam os preparativos da corrida.

— O que está achando? — perguntou Clóvis.

— Chocante — respondeu Felipe, olhando um grupo de garotas uniformizadas com as cores publicitárias do refrigerante. Todas bonitas, escolhidas a dedo. — Estou sentindo uma coisa no estômago.

— Vamos assistir a uma corrida para estreantes e novatos — disse Clóvis. — Estreante não quer dizer que corre pela primeira vez. Até a quinta corrida são considerados assim.

— Corre algum cobra, hoje?

— Há um tal de Sandro, que se vencer hoje, fatura o campeonato. Agora vamos para as arquibancadas. Joyce quer conhecer você.

— Que Joyce, tio?

— A mais bonita fanzoca do *motocross.* Mas não se entusiasme, tá?

Entre Lola e Tuta, sentados, Felipe viu uma jovem, toda de azul, que parecia ter sido contratada para decorar o ambiente. Gata, gatíssima, gatérrima. Perto dela ficou embaraçado e sem voz até para o cumprimento.

Lola sempre notava tudo:

— Que houve, Fê? Está se sentindo mal? Joy não morde.

— Eu também estou meio zonza — disse Joyce. — E um fofão, como vocês descreveram.

Tuta recuou para Felipe sentar-se ao lado de Joyce. Mas qual devia ser o papo?

— Vem sempre aqui? — arriscou ele.

— Nesta e noutras pistas. Está no sangue. Meu pai também corria, nos tempos do Clovão.

— Acho que deve ser um barato!

— Pena que vai voltar para o interior — lamentou Joyce. — Lola me disse. Você ficou bronqueado por não poder rodar com sua máquina, não foi?

— Parece que me amarraram as pernas.

— Então por que não corre? — sugeriu Joyce, como se estivesse fixando sobre a mesa o ovo de Colombo. — Entre nessa, vai dar pé.

“Puxa, como é bonita!”, admirou-se Felipe, receando que o ponto de exclamação se estampasse em seu rosto. Mas o que ela dissera? Por que não corria?

Pelos alto-falantes começaram a escorregar, lentos, os acordes do *Bolero* de Ravel.

— Dizem que essa música aumenta a ansiedade, cria atmosfera — explicou Joyce. — Durante a corrida, os *rocks* voltam.

As motos, emparelhadas na pista de terra, visível das arquibancadas em toda sua extensão, aguardavam a liberação do *starting-gate* — mecanismo que marca o ponto de partida, semelhante ao usado nas corridas de cavalo — para dar início à prova. Seriam duas baterias, de vinte voltas cada, no mínimo vinte minutos alucinados de percurso sobre obstáculos na’turais: morros, morrinhos, morrões, alguns pequenos, mas consecutivos (costelas-de-vaca), buracos e perigosos burações (king-kongs), charcos (havia chovido na véspera), além de uma seqüência de curvas em aclive e declive, todas enlameadas e derrapantes.

Os motores explodiram fazendo um barulho de ferir os ouvidos e a corrida começou mal para alguns pilotos, que logo nos primeiros metros chocaram-se com outros, desequilibrando-se e caindo, em prejuízo dos que vinham atrás, alguns sem tempo para desviar, enquanto outros ganhavam a dianteira já na disputa acirrada das melhores colocações. Felipe sentiu a vibração do espetáculo, disposto a não perder um lance, mas arriscou um olhar lateral para Joyce, que, conhecendo os pilotos, torcia, emitindo sons e palavras que se misturavam ao alarido das arquibancadas. Teria ela um preferido?

“Aqui habilidade é tudo”, pensou Felipe, lembrando de

suas corridas pelas matas e montanhas no interior. Subitamente um “Oh!” geral: o piloto que liderava a prova, ao tentar saltar um king-kong, esborrachara-se. Mas o novo líder não foi longe: caiu também.

No intervalo entre as baterias, Felipe e Joyce foram esticar as pernas e tomar refrigerantes. “Todos olham para ela”, observou o rapaz, encabulado. “Como se fosse uma princesa...”

— Marcou o dia da volta? — ela quis saber.

— Se marquei? Acho que não vou voltar já. Talvez nem volte.

Joyce sorriu, era o que queria ouvir.

— E a moto?

— Vou tentar esquecer.

A princesa apertou o braço de Felipe.

— Então podemos ir ao Vagão. É a melhor danceteria de Sampa. Você vai ferver. Mas vamos sentar. Está começando a segunda bateria.

Depois de algumas voltas, Joyce comentou, vibrando:

— Sandro já está na ponta, não perde mais. O Rato é uma fera.

— O número 10 vai passá-lo.

— Não passa — garantiu Joyce. — Esta ele não perde mais. O campeonato é dele. — Estava empolgada,

E era mesmo: Sandro, o Rato, fechou a corrida na frente. Em seguida dirigiu-se ao pódio, juntamente com o segundo e terceiro colocados, onde recebeu um troféu, garrafão de champanha e aplausos de todo o público. Felipe via Joyce aplaudi-lo, mas nem se movia. Já ciúme?

— O que achou do Sandro? — perguntou Clóvis ao sobrinho.

— Não é dessas coisas — respondeu Fellpe. — Conheço ele.

— Conhece?

— É o maluco que tentou me ultrapassar na estrada.

6.

Felipe ao telefone:

— Sim, mamãe, estou me dando muito bem aqui. Tio Clóvis e tia Lola são uns camaradões. E tem um cursinho

pré-vestibular aqui perto. Na ocasião é só me matricular.

Lola, que ouvira a conversa, estava feliz.

— Então vai ficar?

— Só não fico se me mandarem embora.

— Mesmo sem poder curtir sua moto?

Felipe não pensava na moto naquele momento: marcara encontro com Joyce no Vagão. Foi fazer hora na oficina, onde Tuta entregava a um fregues a moto que acabara de consertar.

— É verdade aquela história da estrada? — perguntou o mecanico. — Deixou mesmo o Rato pra trás?

— Acha que foi uma grande proeza?

— Como eu gostaria de ver a cara dele! Gozado por um simples motoqueiro como você...

Felipe não gostou do último comentário, simples motoqueiro, mas era ele e não o Rato que se encontraria à noite com Joyce no Vagão.

7.

Felípe chegou cedo e ficou à porta da danceteria, vendo a moçada entrar no Vagão aos pares, aos grupos, aos bandos, atraidos pela música que já tocava lá dentro. Cinco minutos depois, como Joyce não aparecesse, começou a ficar apavorado. Daí por diante cada segundo doía, cada minuto pesava. Ao completar um quarto de hora de espera ficou desarvorado. Foi até a esquina, voltou, foi e voltou outra vez e já dava a noite por perdida quando lhe bateram no ombro: Joyce, sorrindo.

— Demorei muito?

— Não — respondeu Felipe numa alegria com impacto de choque elétrico.

O Vagão estava cheio, numa de suas grandes noites, esbanjando um visual de luzes circulantes, coloridas, como se não bastassem as cores berrantes das roupas da garotada, e com aquele palco tomado por uma parafernália eletrônica, instrumentos, caixas e fios, usados por conjuntos musicais que se sucediam. Felipe, deslumbrado, lembrou que em sua cidade os salões de baile eram comuns, apenas paredes nuas e mesas, enquanto aquele era um cenário, todo decorado, imitando um vagão de verdade, cujas luzes davam a idéia nítida de um trem

em movimento.

— Sabe dançar? — perguntou Joyce, já com a mesma alegria esfuziante do *cross.*

Felipe sabia e sabia bem: aprendera com sua irmã, campeã de concursos de *rock,* quando solteira.

— Vamos nós.

Logo nos primeiros instantes, Felipe, todo solto, foi mostrando do que era capaz, o que podia fazer com as pernas, corpo e braços, em constante desafio à lei da gravidade. Joyce surpreendeu-se e teve de dar tudo, caprichar, inventar, para manter-se à altura do inesperado dançarino. Não precisou passar muito tempo para que muitos, observando a dupla, até parassem de dançar. Joyce até se desconhecia: dançava com uma intensidade, uma paixão, que jamais sentira. O que era aquilo, essa perfeita coordenação de movimentos? O estímulo de dançar com um parceiro ágil ou mais — o começo de um novo amor?

Quando pararam, aplausos. Um casal aproximou-se de Joyce para que ela lhe apresentasse Felipe. No bar do Vagão, doidos por um refrigerante, notaram que eram olhados curiosamente.

— Viu que sucesso você fez?! — exclamou Joyce. — Dançava muito *rock* em sua terrinha?

— Lá se dança tanto quanto aqui, mas não em salões tão incrementados.

— Você tem aquele pique! Não foi fácil acompanhá-lo.

— Hoje me excedi, graças a você, Joy.

— Por que graças a mim?

— Ora, você é um tufão! Uma contorcionista!

Um segundo e outra pergunta para embaraçar o interiorano.

— Só por isso?

“Não, também e principalmente porque estou gostando de você. Desde que a vi no *cross.”* Mas Felipe não respondeu assim.

— Acho que só por isso...

O resto da noite foi de muitos refrigerantes, sanduíches e naturalmente de novas exibições no salão, algumas não à distância, mas juntinhos, de olhos nos olhos. “Está bom demais”, pensava Felipe. “Espero que nada atrapalhe.”

Ao som de um **rock** *contagiante, Felipe e Joyce dançaram soltos na pista, despertando olhares de admiração.*

Num momento, antes de saírem, Joyce foi para o toalete e Felipe recostou-se no bar. Então um rapaz mais alto que ele, e um pouco mais velho, foi chegando.

— Parece que conheço você — disse ele.

— Conhece de onde? — perguntou Felipe. Mas logo também o reconheceu.

— Você não é o cara que quis me esnobar na estrada?

Claro, era o Rato.

— Lembro de ter outro dia deixado pra trás um motoqueiro numa *350.* Ah, era você? Qual é a bronca? Apenas fui à forra.

— Você deve ter se escondido em algum desvio.

— Engano. Só aliviei a mão na cidade. Por que não me ultrapassou? Faltou gasolina ou tem medo de velocidade?

Sandro não gostou das palavras e do jeito de Felipe.

— Sou campeão de *cross* — disse ele, crescendo. — Não te passei porque se escondeu em algum lugar.

Felipe não amoleceu:

— Já acabei com a panca de outros campeões — rebateu no mesmo tempo em que jogava algum dinheiro sobre o balcão, afastando-se.

Joyce, que vira Felipe e Sandro juntos, perguntou:

— Estava conversando com o Rato?

— Antes me diga por que o chamam de Rato?

— Porque ninguém o alcança.

— Já o alcançaram uma vez — disse Felipe, e contou sua aventura na estrada, excluindo, lógico, o lance do posto de gasolina.

Joyce ouviu no maior entusiasmo.

— Se você pilota tão bem como dança... Faça uma experiência. Tem seu tio e o Tuta para orientá-lo. Dois cobrões.

Felipe tivera emoções demais para uma noite só. Apenas prometeu:

— Vou pensar.

8.

Dessa noite em diante, a vida de Felipe na capital fixou-se em duas rotinas: assistir às corridas de *cross* com os tios, Tuta e Joyce e freqüentar o Vagão no mínimo duas vezes por semana. Certo domingo, no intervalo das corridas, toparam com Sandro, que ignorou Felipe, mas olhou fixamente para Joyce e sorriu.

— Quis me provocar — disse Felipe.

— Se julga um rei — comentou Joyce, olhando para trás.

Nas pistas, Felipe era mero espectador, mas no Vagão, não. Lá era o namorado de Joyce, a mais bela passageira da casa, e também um dançarino de *rock* que já procuravam imitar devido a seu estilo criativo e pessoal. Admirado pelos freqüentadores, sempre convidavam ele e a Joyce para se sentarem às mesas mais badaladas, inclusive a de um produtor de televisão, e até o gerente do estabelecimento uma noite lhes disse:

— Se alguma vez não tiverem trocados para os ingressos, mandem me chamar. Uma dupla como vocês anima o salão, entusiasma a turma. E hoje sou eu que pago a conta.

Mas o melhor era o namoro, aquela coisa boa que nascia entre Felipe e Joyce, os telefonemas, os encontros, os cinemas,

os papos, e até os atrasos dela. A falta de pontualidade seria seu único defeito? E os tios, o que pensavam? Lola, com seu aparelho de raios X nos olhos, não deixava passar nada.

— Como vai a novela?

— Que novela, tia?

— Todo namoro é uma novela, termine ou não em casamento. A sua vai bem?

— Tudo em cima. Legal às pampas!

Sob o olhar malicioso da tia, Felipe passou à oficina, onde Clóvis e Tuta tinham um problema com uma 180.

— Teríamos de fazer um teste — dizia o patrão.

— Acha necessário?

— Claro. Bruno vai correr domingo.

— Então dá tempo para ele mesmo testar a máquina.

— Mas ele telefonou do Rio dizendo que só volta sábado à noite — lamentou Clóvis.

— Ora, outro qualquer pode fazer o teste.

E ao dizerem isso, Tuta e Clóvis olharam para Felipe.

— Quer nos fazer um favor, Fê? Testar a moto?

— Não tenho carta, tio.

— Não se faz teste de *cross,* na rua, garoto. Ponha a moto na caminhonete, Tuta — ordenou Clóvis.

Tuta, porém, não vendo nenhuma reação de Felipe, permaneceu parado.

— Se tiver medo eu mesmo piloto — disse. — Não sou dos bons, mas quebro um galho.

— Medo? O que é isso? — perguntou Felipe. — Tudo que tem rodas é comigo mesmo. — Pura falação.

Estava com aquele friozinho, sim, porque sabia que não era a moto, mas o piloto, que seria testado.

9.

Periferia da cidade. Clóvis estacionou a caminhonete.

— É aqui.

— O que é aqui? — perguntou Felipe. — A pista?

Tuta explicou:

— Isto é uma ex-pista que as chuvaradas estragaram,

aplainando uns morros que existiam. Mas restaram alguns obstáculos dos bons. Para treinos ainda serve. Queremos que dê umas voltas sem forçar muito, apenas o suficiente para a gente sentir se o motor está no ponto.

A moto foi posta no chão e Felipe montou-a. Quando ligava o motor apareceram dois motoqueiros, com boas máquinas, e entraram na pista.

— Não ligue pra eles — disse Clóvis. — Faça seu serviço e só.

Estranhando a moto, mal sentado, Felipe fez uma volta lenta, quase parando em certos obstáculos. Os outros passaram por ele, familiarizados com a pista e com as motocas. Na segunda volta acelerou mais e, na terceira, saltou o único king-kong que sobrara da antiga pista, logo seguido de uma costela-de-vaca. Daí por diante, o motor 0K, passou a correr tudo que sabia, dando espetáculo à parte nas curvas, subidas e descidas, e quando, na primeira derrapagem, Clóvis e Tuta viram Felipe com o focinho no chão, ele levantou-se, montou e continuou no mesmo ritmo, tranqüilamente.

— Pode parar! — gritou Clóvis.

Felipe não ouviu ou fez que não, e ultrapassou uma das motos, usando mais a cabeça que o acelerador, e aproximou-se da outra, sem atropelos, na sua, firme no banco e atento à próxima curva. Clóvis e Tuta entreolharam-se quando Felipe passou a segunda moto. Os dois pilotos, inconformados, começaram a atacá-lo, curvados sobre as máquinas, como se aquilo fosse uma corrida de verdade. Um deles exagerou, deu uma escorregadela e perdeu Felipe de vista. O outro tentou a ultrapassagem, chegando a emparelhar, mas atrapalhou-se na costela-de-vaca e errou na troca de marchas, enquanto Felipe, aliviado, ganhava distância.

Quando Felipe parou diante da caminhonete, perguntou:

— Que tal a moto? Certinha?

— A mo-moto... — gaguejou o tio. — Perguntou da moto? Quem está aprovado é você, Tuta, repita pra ele o que você me disse agora. Repita.

— Disse que nunca vi um estreante com esse tchã. Tem pinta de campeão.

Os dois motoqueiros pararam ao lado.

— Onde você tem corrido? — perguntou um deles.

— Em nenhum lugar.

— Vem sempre treinar aqui?

— É a primeira vez que corro numa pista.

Ambos fizeram uma cara de descrédito e o outro comentou:

— Se for verdade, você vai longe, rapaz.

Apesar da inesperada exibição que havia assistido, tio Clóvis nada disse durante a viagem de volta.

Chegando em casa, cansado, Felipe foi para o quarto e largou-se na cama. Por que Clovão subitamente se calara? Então a porta se abriu e entraram o tio e Tuta. Não falaram logo, olhando-o.

— Fê... — começou o veterano. — Estive falando com Tuta... Não foi, Tuta? Bem, o que me diz de disputar o campeonato extra de estreantes e novatos? Na verdade haverá mais estreantes que novatos. Cinco provinhas. Apenas por entretenimento.

Felipe sentou-se e tremeu nas bases.

— Campeonato?

— Acho que você não fará feio — disse Tuta.

Como Felipe não respondesse, Clóvis deu-lhe uma opção:

— Não precisa responder já. Pense. Mas as inscrições encerram-se esta semana. Agora vamos jantar. Lola fez um prato que você gosta.

10.

Aquela noite no Vagão foi o máximo. Joyce usava um vestido que brilhava, ela que não dispensava luxo para aparecer. Foi um tal de deixar passar, abrir alas, sempre que a dupla se dirigia à pista de dança. Quem inventa, curte o que faz, sem aquela de dançar quadradinho, logo vira rei num lugar desses.

— Veja como a turma está ligada em nós observou Joyce enquanto dançavam. — Mas o que há, Fê? Hoje está elétrico demais!

— Tenho motivos. A sorte está comigo em Sampa City!

— Quais são as últimas?

— Primeiro a gente dança, a patota quer *show,* depois eu conto.

Realmente muita gente estava de olho nos dois, os fanáticos do *rock* e os que eram vidrados em Joyce, esses um pouco despeitados e com uma pergunta no gatilho: quem era aquele

rapaz com pinta de interiorano, seu par constante? Nessa turma havia um que parecia querer saltar sobre Felipe. Bote armado. Era o Rato.

— Como se chama aquela moça? — perguntou ao gerente. — A de vestido brilhante?

— Joyce. A mais bonita do Vagão.

— E o escoteirinho que está com ela?

— Esse é novo aqui — respondeu o gerente. — Parecem namorados. Interessado nela, Rato?

Quando julgaram que a patota estava satisfeita, Felipe e Joyce retornaram à mesa e ela ouviu a narrativa de sua proeza na pista de treino.

— Mas não foi só isso, não. Tio Clóvis e o Tuta querem me inscrever no campeonato extra de estreantes e novatos.

— Puxa! Que retaguarda você vai ter! Clóvis e Tuta!

— Para mim o seu apoio é o mais importante, Joy.

— Vou dar a maior força, Fê. Tive namorados que também corriam.

Felipe preferiu ignorar quantos namorados, quem eram e até onde foram no *motocross.* Aquela noite não estava para grilos. Segurou a mão de Joyce sobre a mesa e ambos esqueceram o que havia ao redor. O mundo ficou só eles. Mas aquela felicidade tinha um espião, o Rato, que, de copo na mão, uma estranha figura vestindo blusão de couro preto, rondava por lá.

Um amigo dele encostou:

— Você também pertence à corriola de fãs de Joyce?

— Com uma diferença — garantiu Sandro. — Não vou parar nisso.

— E o garotão roqueiro?

— Tenho meu estilo, ó cara. O escoteirinho vai sair do páreo. Pode apostar.

11.

Clóvis, Tuta e Felipe, o estreante, em sua própria 180, voltaram mais vezes à ex-pista para treinos e conselhos. Mas não excessivos. Muito blablablá atrapalha, dizia o tio. A técnica é fundamental, porém não se deve conter a

impulsividade, o arrojo, a coragem do piloto.

Nem sempre Felipe corria só; alguns motoqueiros sempre apareciam, conhecidos de Clóvis e Tuta, já experientes. Mesmo esses, tarimbados, surpreendiam-se com o pique e a desenvoltura de Felipe, dia a dia mais seguro, mais irmão da máquina. Nem os tombos iniciais, tão comuns no *motocross,* o inibiam. Já aprendera a cair, afrouxando os músculos ou saltando fora, a levantar a moto e prosseguir como se nada tivesse acontecido.

— Como estou indo, homem gordo? — perguntou Felipe após uma seqüência de voltas bem-sucedidas.

— Quero ver você na pista de verdade — respondeu Clóvis, mais moderado nos elogios após a inscrição.

Mas treinar não era moleza, cansava. Daí o gostoso de ficar na cama, lendo as revistas especializadas em motociclismo que o tio assinava. Nessas horas, tia Lola sempre aparecia com café ou sucos.

— Como vai de paixão?

— Joy é uma garota legal. A gente se entende bem.

Lola jogava um pouco de água fria:

— Não se entusiasme tanto. Cuidado, menino.

— A senhora não acha que ela é um doce?

Lola passou a mão na cabeça dele e respondeu como quem não diz tudo:

— Gosto de Joy, é bonita e sabe das coisas. Mas não é uma daquelas moças do interior. Tem outra cabeça. Um pouco de cautela não faz mal a ninguém.

Felipe não encucou, preocupado com sua primeira corrida, já próxima. Não seria um grande evento porque não contaria com pilotos famosos, porém, para o estreante, recém-chegado do interior, seria o dia para marcar a sua vida.

À noite da véspera da corrida Felipe já ia dormir, quando o tio entrou no quarto e sentou-se à beira da cama.

— Sabe, daria um braço pra sentir o que está sentindo.

— Confesso que estou com um pouco de medo.

— Esse friozinho no estômago que é o bom.

Uma pergunta importante:

— O senhor espera que eu ganhe?

— Nem eu nem Tuta esperamos. Se a máquina não quebrar e terminar na sexta colocação terá sido uma ótima estréia. Agora, durma.

Felipe apagou a luz e afundou a cabeça no travesseiro.

Mas como podia dormir com o ronco daquelas motos emparelhadas à espera do momento da partida? Como?

Joy!
Joy! Joy!

12.

O *starting-gate* liberou a pista: partiram. Os mais experientes e os que já conheciam o circuito saltaram na frente. Felipe confundiu-se um pouco, aturdido com o ronco das motos e com receio de que algum esbarrão o derrubasse. Decidiu não forçar a máquina nas duas primeiras voltas para familiarizar-se com o terreno e avaliar os obstáculos. Foi cauteloso demais, tanto que completou a primeira volta em uma das últimas colocações. Antes do planejado, começou a acelerar, mas viu logo que aquela não apresentava as facilidades da pista onde treinara. Mais e maiores obstáculos. E dezenove outros competidores, todos fervendo.

— Aquele não é o seu escoteirinho?

Joyce, que não tivera calma para sentar-se nas arquibancadas, preferindo ficar de pé, mais próxima à pista, voltou o rosto e viu o Rato, ao seu lado, vestindo o blusão marchetado de couro preto.

— Sim, é o Felipe — disse. — Está estreando.

— Acho que ele errou de esporte. Talvez se de melhor com bicicleta. Ou patinete.

Saltar um king-kong com a pista livre é uma coisa, saltar com motos atrás, aos lados e na frente é outra. O primeiro salto de Felipe não foi perfeito, mas, em compensação, alguns se saíram ainda pior. Dois caíram e ficaram na rabeira. Em seguida, numa curva, fazia a primeira ultrapassagem. Foi bom, gostoso, e deu-lhe mais confiança. Talvez era do que precisava: acreditar. Começou a soltar-se, afinal não era nenhum grande campeonato. “Encare como uma brincadeira que resolveu levar a sério”, aconselhara o tio, que sabia mexer também com os fatores psicológicos. Somente na sexta volta saltou um obstáculo como queria, onde justamente ultrapassou mais um.

O starting-gate liberou a pista: os mais experientes saltaram na frente. Essa seria uma prova de fogo para Felipe.

— Já está em décimo — observou Joyce, numa torcida discreta, sem queimar emoções. A seu lado, o Rato mordia um sanduíche, nada interessado na prova, como se aquele fosse um simples campeonato para garotos.

— Quer que vá buscar um misto-quente? Está ótimo.

Joyce não respondeu, vendo um competidor cair e Felipe ultrapassar outro. Oitavo... Já emparelhava com o número 15, sétimo colocado. Alguém colocou qualquer coisa na sua mão: um misto-quente, que Rato trouxera.

— Não quero.

— Ora, pegue... Mas como vai o escoteirinho?

Felipe já estava em sétimo e começava a apertar o sexto colocado. Uma exclamação geral das arquibancadas anunciava que alguém caíra. Passou por ele, fora o número 3, um dos

líderes, que voltou a correr logo atrás de Felipe. “Certamente vai tentar reconquistar as posições perdidas”, pensou. “Não posso permitir que me ultrapasse. Um king-kong!” Seu melhor salto. O número 3 já não o perseguia de perto. Uma tabuleta informou: duas voltas. Estava em quinto, precisava melhorar para marcar mais pontos. Mas quando os competidores entraram na última volta, continuava na mesma colocação. Então, pôs todas as cautelas no bolso e disparou. Ultrapassou um na primeira curva e outro já nos últimos cem metros.

Terminou a primeira bateria em terceiro lugar, fazendo quinze pontos. O primeiro fizera vinte e o segundo, dezessete. O que diria a turma?

No *box,* Clóvis e Tuta o aguardavam ansiosos.

— Como me saí, homem gordo?

— Foi uma das melhores estréias que já vi — disse o tio, abraçando-o. — Mas, desça. Eu e Tuta temos de fazer alguns ajustes.

— Onde está a Joy?

— Não vimos — disse o Tuta.

— Quem são esses que chegaram na frente? — perguntou Felipe.

— Dois novatos que já disputaram muitas provas. Mas você chegou na frente de outros também experientes.

Já trabalhando na moto, Clóvis comentou:

— Sua maior façanha foi não deixar o Roberto, o de número 3, ultrapassá-lo. Nesse pega que você esquentou.

— Será que Joy está nas arquibancadas? — insistiu Felipe, olhando para todos os lados.

Um abraço: Joyce.

— Puxa! Você estava com a bola toda!

— Eh! Não exagere! Peguei só um terceirinho...

— Pra quem começou hoje, queria mais?

— Bem, acho que fiz o possível.

— Como se sente pra segunda bateria?

— Dessa vez acho que não vou ficar no fundão.

Joyce despediu-se com um beijo e correu para as arquibancadas.

Queria assistir à segunda bateria ao lado de Lola. Sofrer ou sorrir com ela. Sentou-se. Alguém logo ocupou o lugar à sua direita: o Rato.

A largada da segunda bateria foi melhor para Felipe. Saiu

entre os dez primeiros, preocupando-se a princípio em segurar apenas a sua posição. Ainda estavam todos embolados, não dava para deslanchar, mas já na terceira volta, no maior declive do circuito, fez a primeira ultrapassagem. Pelo espelho retrovisor percebeu que havia alguém em seu vácuo e manteve-se alerta. Na primeira bateria quase não olhara para o retrovisor, afobação. Uma moto à sua frente derrapou e caiu, era que todos estavam acelerando mais. Fez o mesmo, para não perder terreno, mas na próxima curva foi sua vez de escorregar.

— Veja! O escoteirinho beijou a lona! — disse o Rato.

— Não foi nada, já está de pé.

— Estreante, depois do primeiro tombo, sempre perde o embalo. Eu sei das coisas.

Joyce mordia os lábios, Lola esfregava as mãos.

Felipe desviou de uma moto que pipocava, com problemas, e na mesma volta ultrapassou duas, ambas em curvas. Acelerou mais, emparelhando com outra. Pega curto, mais uma posição conquistada. Ouviu urras e aplausos, o público já o notara. Os aficionados deviam estar perguntando quem era aquele número 19, se estreante ou novato, e de onde viera. Na metade da segunda bateria colocava-se em quinto lugar, onze pontos, caso terminasse a prova nessa posição. A soma de pontos obtidos nas duas baterias é que determina a ordem final dos participantes. Precisava garantir mais alguns se pretendesse subir no pódio. Colou-se no quarto colocado. O que estava em terceiro também não ia longe. Chato eram os retardatários, que tendo perdido uma volta, às vezes se interpunham entre ele e os vanguardeiros. Um king-kong! Que belo salto! Sua turminha devia ter vibrado. Ouviu seu número pelos alto-falantes. O locutor certamente registrara a próeza. O piloto que corria em segundo escorregou e ficou rodopiando, enquanto três, Felipe inclusive, passavam por ele. Logo em seguida, ultrapassando, já era o terceiro, igualzinho como na primeira bateria. Na última volta, Felipe admitiu que não dava para vencer, mas emparelhou-se com o segundo colocado, passou na frente e garantiu os dezessete pontos da segunda colocação.

Clóvis e Tuta correram na direção de Felipe para os primeiros abraços, eufóricos.

— Puxa! Quase ganho! — exclamou o rapaz.

— Quase? Você ganhou, não sabia? Ganhou!

— Eu? Como assim?

— O piloto que venceu a primeira bateria quebrou e saiu fora da prova — explicou Clóvis. — O que venceu esta, tinha quebrado na outra.

— E o que ficou em segundo na primeira, desta vez terminou em quarto — acrescentou Tuta.

Então tinha ganho? Supunha que no cômputo geral ficaria em segundo, pelo que já estava contente.

Os organizadores da prova foram conduzindo Felipe para o pódio. Ficaria lá em cima, no degrau mais alto; nos outros, o segundo e o terceiro colocados. Puseram-lhe nas mãos um champanha aberto. Chacoalhou-o. Aquele êxito merecia muita espuma. Veio depois uma faixa e um troféu. Olhou para baixo e viu tia Lola, abraçando Clóvis e Tuta. Batiam fotos. Mas onde estava Joy? Onde se metera? Acenou para o público. O segundo e o terceiro colocados foram cumprimentá-lo e, em seguida, desceram do pódio. Ele não, queria que Joyce o visse lá. Mas onde ela estava?

— Eh! Vai virar estátua?

Era Joyce, que já chegara, e abria os braços para apertá-lo.

— Pensei que tivesse desmaiado! — disse Felipe. — Que tinha ido pro departamento médico.

Joy abraçou-o.

— Você é o maior! Ganhar numa estréia é o máximo.

— Tive sorte, isso sim. Os vencedores das baterias quebraram. Eu nem sabia que tinha ganho!

Lola fez uma sugestão:

— O que aconteceu foi bom demais. Temos de comemorar num restaurante. — Idéia imediatamente aprovada. — Vem com a gente, Joyce?

— Se vou? Mas não é uma reunião em família?

— Ora, Joyce — protestou Felipe. — Se você não for, não vou também.

Ainda acenando para o público, com sua faixa de vencedor e seu troféu, Felipe abraçou Joyce, e, todos sorrindo, numa tarde para não ser esquecida, dirigiram-se à saída da pista.

— Sabe quem vi por aí? — disse Felipe à namorada. — O tal de Rato. Acho que estraguei o dia dele.

13.

As outras provas do campeonato foram realizadas em cidades do interior. E algumas semanas depois, Felipe leu orgulhoso no jornal:

Nova revelação do *motocross*

Terminou ontem em São José dos Campos o campeonato extra de motocross *para estreantes e novatos, disputado em cinco provas, por motos 180. O campeão foi o estreante Felipe Mota, que venceu três corridas: a primeira, a terceira e a última, esta disputadíssima. Nas outras duas, uma quebra e um terceiro lugar. Segundo os olheiros e comentaristas do* cross, *esse campeonato, o menos badalado do ano, criado apenas para preencher espaço entre as grandes datas do calendário do esporte, revelou um jovem corredor capaz de se firmar como verdadeiro cobrão. Por enquanto, guardem seu nome: Felipe Mota.*

14.

A conquista do campeonato mereceu uma festa na própria oficina de Clóvis, que reuniu alguns participantes, organizadores do certame e amigos. Joyce compareceu um tanto *punk,* mais gata que nunca, num visual incrível. Tinham ligado o som e ela dançou com Felipe, Clóvis e Tuta, muito bem-humorada, mas não ficou até o fim da festa.

— É cedo ainda, Joy! Fique!

— A mãe está meio adoentada. A gente se vê. Tchau.

Para Felipe a festa perdeu a graça, mas a turma só se dispersou depois da meia-noite.

Na manhã seguinte, na cozinha, quando lhe servia café com leite, Lola lhe perguntou:

— E agora, Felipe?

— Agora o quê, tia?

— Vai ficar olhando para o troféu de campeão ou tem outros planos?

— Meu plano é disputar outro campeonato. Quem sabe o paulista, depois o brasileiro.

— Eu me referi aos estudos. As aulas vão começar, Fê.

— Vou dar uma lida nos livros para recordar algumas matérias — garantiu o campeão. — E é pra já!

Antes de recolher-se ao quarto, Felipe pegou o jornal do

dia na loja. Largado na cama, fixou-se no caderno esportivo, onde uma foto, um piloto e sua moto, chamou-lhe a atenção:

"Rato, um dos favoritos do Continental *Motocross".* Era um campeonato especial, que reuniria campeões de diversas regiões e Estados, dos mais festejados e disputados pelos patrocinadores. Correr sob patrocínio era a meta que Rato já alcançara.

Á noite, Felipe foi para o Vagão. Já não esperava Joyce à porta, entrava. Encostou-se ao balcão do bar e pediu um suco.

— Brigou com ela? — perguntou o gerente.

— Não, estou esperando por ela.

O gerente fez uma cara esquisita e voltou a circular pelo salão. Felipe tomou um gole de suco e lançou um olhar absorto para a pista. Subitamente o coração disparou. Dançando, como se ao balanço de uma antiga amizade, juntos, sorrindo, lá estavam Joyce... e Rato. Sem saber o que fazer, Felipe não fez nada. Permaneceu lá apenas olhando. Terminado o número musical, Joyce deixou a pista e aproximou-se dele.

— Eh, Fê! Já chegou?

— Estava dançando com aquele cara?

— Mas ele não dança como você. Não tem o seu relaxo.

— Vocês se conheciam?

— Já trocamos algumas palavras. Não vai se zangar por causa disso, vai? Afinal no Vagão todos se conhecem.

Felipe tentava controlar-se, mas não dava.

— Não quero que dance mais com esse sujeito. Nem que fale com ele. Somos inimigos.

Joyce quis colocar um ponto-final no caso.

— Felipe, isso não é uma cidadezinha do interior. Aqui não se briga por tão pouco.

— Joy, ele me provocou na estrada e aqui no Vagão. Não posso consentir.

Ela mantinha-se calma, a moça urbana, civilizada, que não ligava para coisas sem importância.

— Vamos dançar, Fê. Assim você se acalma.

— Não quero dançar.

— E eu não quero ficar na sua, discutindo.

— Vou levar você pra casa. A noite já melou.

À distância, o Rato viu Felipe e Joyce abandonando o Vagão. Alguns dos seus amigos o cercaram para fofocar.

— Esta é outra corrida que não perco — disse.

Meia hora depois, Felipe chegava à sua casa para surpresa de Lola.

— Tão cedo assim num sábado? Aconteceu alguma coisa? — perguntou, ela que adivinhava tudo.

— O Vagão estava chato.

— Joy estava lá?

— Estava.

— Ela também foi para casa?

— Foi.

A tia quis encompridar a pergunta:

— Vamos amanhã ver a primeira corrida do Continental?

Para ver Sandro ganhar?

— Vou aproveitar a tarde para dar uma lida nos livros...

— Boa idéia. Sua mãe não quer quê se saia mal nos estudos por causa do *motocross.*

Felipe recolheu-se ao quarto, mas não leu, não ouviu rádio, não fez nada. Ficou apenas olhando para a parede.

15.

N$_0$ domingo, Felipe ficou em casa sozinho até a hora do almoço, quando os tios e Tuta voltaram da corrida. Aproximou-se do mecânico. Joyce não telefonara. Onde ela teria ido?

— Como é que foi lá? — perguntou, disfarçando o interesse.

— Ganhou um tal Sidney. O Rato ficou em terceiro.

Não era no que Felipe estava interessado.

— Muitas garotas?

— Como sempre — respondeu Tuta. — É o que não falta nas corridas.

Uma pausa e outra pergunta:

— Alguma pessoa conhecida?

A bomba:

— Joy estava lá.

— Estava???

— Por que não foi lá, Felipe?

— Fiquei estudando — respondeu ele, afastando-se. Não era dose para dividir com os outros. Foi para o quarto e despencou na cama. Chorando.

Na terça, Joyce telefonou. Parecia saudosa. Vamos ao Vagão hoje à noite? Era justamente o que Felipe queria ouvir. Chegou bem cedo e esperou-a à porta. Mais seguro do que entrar e encontrá-la dançando com Sandro. O coração, outra vez! Joyce chegando!

Foi uma noite quase como as outras, embora Joyce não disse que fora ao *cross* no domingo, e Felipe, para evitar novo atrito, nada perguntou.

— Quando a gente se vê? — perguntou à saída. — Sábado?

Joyce, infelizmente...

— Vou fazer uma pequena viagem com mamãe. Volto só na outra semana.

— Sentirei sua falta.

— Mas quero pedir um favor — disse ela. — Não venha ao Vagão na minha ausência. Ciúme é como algumas doenças, pega. Peguei de você. Assim que eu voltar, telefono.

Felipe lamentou a viagem, porém gostou de saber que Joyce tinha ciúme dele. Maior prova de que o amava. Aproveitaria os dias de ausência da namorada para estudar. E foi o que realmente fez, com bastante interesse. Não resistiu, porém, a um convite do tio.

— Vamos assistir a uma das provas do Continental?

Felipe aceitou e partiu com o tio e Tuta. O que viu lá foi o Rato, orgulhoso, subir no pódio, já em sua segunda vitória no campeonato. O campeonato mal começara e já se dizia que o caneco seria dele. Felipe certamente não aplaudiu.

Na volta, quando a caminhonete de Clóvis aproximava-se da loja, Felipe disse:

— Quero voltar ao treinos, tio.

— E os estudos?

— Posso estudar e treinar.

— Não sei se sua mãe aprovaria, Fê.

Felipe encontrou um meio-termo:

— Só para não perder a forma, tio. Quero dar um passo à frente.

— Esse passo à frente que é barra — comentou Tuta. — Como estreante talvez tenha chegado ao limite, mas passar daí a conversa é outra. Um Rato não se faz de um dia para o outro, não é, patrão?

16.

Felipe voltou a treinar, de leve, usando a ex-pista, orientado pelo tio e por Tuta. Mas não se sentia legal. Joyce ainda não voltara. Dissera que demoraria uma semana e já fazia um mês. Lola, com o raio X ligado, observava sua tristeza.

— Vá se distrair hoje à noite — ela aconselhou. — Dê um pulo no Vagão.

— Prometi a Joy que não iria lá sem ela.

— Só dar uma espiada, comer um sanduíche, não é traição. Você está precisando desanuviar.

Essa palavra, desanuviar, deu resultado. Felipe concordou. E à noite foi ao Vagão, pensando no que responderia se na volta Joyce lhe perguntasse se fora à danceteria. Deveria mentir? Não, ele não mentiria.

O Vagão estava lotado aquela noite. Felipe encostou-se no bar. — Você não é o moço que ganhou o campeonato extra de *motocross?*

Felipe olhou ao lado e viu uma gatona loura, bonita, muito chique, com um copo de suco na mão.

— Sou — respondeu.

— Vi duas provas, você venceu uma delas.

— Vai sempre ao *cross?*

— Minha turma é gamada em motos. Mas como é mesmo seu nome?

— Felipe.

— Não vou esquecer mais — disse ela. — Está em outro campeonato?

— Só treinando.

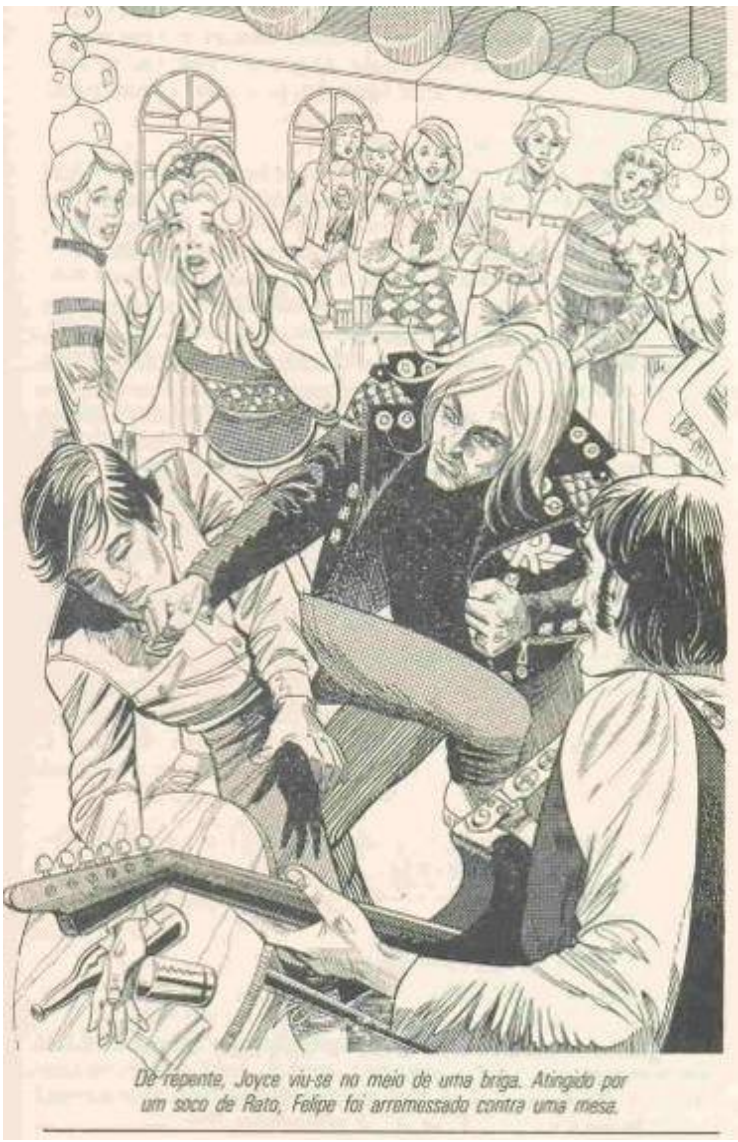
Um grupo aproximou-se da gata loura e um rapaz, com um boné enterrado na cabeça, fazendo um gênero caricato, perguntou:

— A gente veio aqui pra dançar ou pra conversar, Débora?

A moça fez um adeusinho para Felipe e afastou-se com a turminha, mas antes de entrar na pista lançou outro olhar, simpático, para o campeão. Ficou vaidoso. A tal Débora, toda bacana e enturmada, falara com ele com a maior admiração. Quem não gosta de ser badalado? Tomou um refrigerante, papou um hambúrguer, curtindo o som — a noite era de rock-balada, suave — e já se dispunha a voltar para casa com a cuca mais leve, quando viu um fantasma.

— Joyce! Você? Quando chegou?
— Ontem.
— Por que não me ligou?
— Seu telefone deve estar com defeito, só dava ocupado.
Felipe não engoliu essa.
— E por que não foi até lá?
— Porque sabia que você viria aqui esta noite.
— Como sabia, se prometi não vir?
— Prometeu, mas veio.
E ela, não tinha vindo? Felipe não entendia. Mas a explicação de tudo já estava a caminho, usando um blusão preto de couro, marchetado com placas metálicas. Parecia uma figura de história em quadrinhos, vilão de filmes enlatados da tevê: o Rato.
— Como vai, escoteirinho?
Felipe ficou mudo, mas o ódio falou em seu lugar.
— O que esse cara faz com você?
Joyce sabia lidar com panos quentes, disse:
— Deixem de besteira e vamos os três comer uns hambúrgueres. Estou faminta.
Felipe não foi nessa. Queria brigar com o mundo.
— Vamos, mas sem esse pilantra.
— Ora, Felipe, ele é o Rato famoso. Dêem-se as mãos e tudo bem.
Felipe não se moveu.
— Apertar a mão desse cara... Vá você e fique com ele.
O Rato desfez o sorriso de gozação, irritado.
— Veja como fala, escoteirinho. Gente melhor que você afina e me respeita.
— Eu te respeitar... Ou pensa que esse couro preto e essas latas me assustam?
Joyce viu que a briga estava por um triz e pegou Felipe pelo braço.
— Vamos para casa.
Rato não permitiu que Joyce o deixasse para acompanhar Felipe. Puxou-a com força para seu lado.
— O escoteirinho que vá sozinho. Não sabe o caminho? —E empurrou Felipe na direção da porta.
Felipe chocou-se com alguém que passava e num gesto, anterior a qualquer decisão, deu um murro seco e rápido no estômago do Rato, que recuou fazendo uma careta de surpresa, dor ou ódio, ou da soma de tudo isso. Respirou fundo,

aproximou-se e deu em Felipe dois socos rápidos, atirando-o de encontro a uma mesa... Foi só o começo: logo os dois esmurravam-se ao mesmo tempo, já cercados pelos freqüentadores do Vagão, mais dispostos a assistir do que a interromper a briga. Embora mais jovem e menos musculoso, Felipe conseguiu a princípio lutar de igual para igual, conquistando a torcida. Mas o Rato, tarimbado, mais controlado, fez desequilibrar a balança.



De repente, Joyce viu-se no meio de uma briga. Atingido por um soco de Rato, Felipe foi arremessado contra uma mesa.

— Olhem onde ele foi parar!

Arremessado por um golpe, Felipe foi lançado sobre uma mesa. Voltou a atacar, mais ódio que força, enquanto o Rato, para dar espetáculo, criar rebuliço, preferia empurrar Felipe às mesas, provocando a queda de cadeiras, garrafas e copos.

O gerente e alguns garçons do Vagão tentaram acabar o

rebu, tarefa difícil porque Felipe continuava insistindo em lutar, apesar dos tombos consecutivos, do sangue no rosto e do estado lastimável de sua roupa, manchada pelos sanduíches amassados sobre as mesas.

Joyce, aturdida, só sabia dizer:

— Não, não façam isso... Parem, por favor! Rato! Felipe! Um empurrão mais forte fez com que Felipe deslizasse até a pista de dança. Ser exposto assim ao ridículo dos esbarrões nas mesas e dos escorregões provocava risos, era pior que apanhar de verdade. Débora estaria vendo? Levantou-se, mas dessa vez os garçons criaram uma barreira, não permitindo que prosseguisse na batalha perdida. Sem opor resistência, derrotado, foi levado até a porta do Vagão, sob olhares curiosos e alguns comentários de pura gozação.

A intenção de Felipe era a de não voltar logo para casa, porém não dava para andar pelas ruas, sangrando, e a roupa daquele jeito. Parecia um espantalho sob uma ventania.

Tia Lola quase não o reconheceu.

— Fê, o que houve?

Contar?

— Hoje não, por favor.

Foi para o quarto e reviu na parede, com detalhes que lhe haviam escapado no momento, tudo o que acontecera no Vagão. Foi sua noite mais longa em Sampa City.

17.

Na manhã seguinte, sentindo dores em todo o corpo, Felipe viu o tio entrar no quarto.

— Precisa de alguma coisa, Fê?

— Está tudo bem.

— Foi uma briga?

— Foi.

— Esqueça. Eu também tive algumas em sua idade. Faça de conta que nada aconteceu.

Quando o tio saiu do quarto, Felipe tomou um banho e depois arrumou a mala. Na cozinha, tomando café, avisou os tios de que ia visitar a mãe e a irmã. Apanharia o ônibus na rodoviária ainda pela manhã. Lola ficou apreensiva.

— Você volta? — perguntou, incrédula.

— Volto, acho que volto — ele respondeu, sem convicção.

— Gostaríamos que voltasse — ela disse, quase numa súplica.

Tio Clóvis acompanhou Felipe até a rodoviária. Quase não conversaram no caminho, o rapaz ainda abatido, sem ânimo até para encarar as pessoas. Além do mais, a indecisão crescia: era uma simples visita à família ou se fixaria definitivamente em sua cidade natal?

Antes de o ônibus partir, Clóvis aconselhou:

— Erga a cabeça, Fê. Você é jovem. Sua vida ainda está nas primeiras voltas...

Foram três horas olhando pela janela, vendo o céu e a estrada, e sentindo por dentro um grande vazio. Mas ao chegar a seu destino, Felipe ficou emocionado: a irmã e o cunhado, avisados, esperavam na pequena estação. Resolveu reagir, ocultando com sorrisos a decepção sofrida na capital.

— Sabe que é o herói da cidade? — informou o cunhado.

— Herói, por quê?

— Porque ganhou o campeonato de *motocross!*

— Ora, foi um campeonato sem importância.

A irmã contou:

— O jornaleco daqui deu uma página inteira. Guardei para você.

Foi levado para casa num fuscão. Um trajeto de ruas tranqüilas e arborizadas. Precisava de algum tempo para reacostumar-se àquela paz interiorana.

A mãe estava no jardim da casa, à espera de Felipe para disparar um grande abraço.

— Não imaginava que viesse antes do inicio das aulas, filho!

— Bateu a saudade.

Felipe, bancando o artista, não descolou do rosto o sorriso feito para afastar suspeitas. Ao entrar na velha casa, onde nascera, a emoção voltou ainda mais forte, como se estivesse ausente há muitos anos.

— Fiz o prato que você gosta — disse dona Glória.

— E eu não estou sentindo o cheirinho?

Durante o almoço, as perguntas. A mãe de Felipe queria saber de sua saúde; o cunhado, detalhes sobre o campeonato de *motocross;* e a irmã, Vilma, queria que falasse das garotas da capital. Mas não assim ordenadamente: um verdadeiro bombardeio de perguntas.

— Fiz sucesso numa danceteria — disse o recém-chegado.

— Graças à dupla que nós formamos aqui, Vilma. A turma até fazia roda para me ver dançar.

— Então deve ter arranjado logo uma namorada — a irmã supos, curiosa.

Felipe fizera a viagem para esquecer Joyce.

— Não, apenas parceiras de dança.

— A namorada dele nesse tempo foi a moto — disse o cunhado.

Depois do almoço, Felipe foi para seu quarto; estava tudo no lugar, como deixara. Na parede, o retratão dele em sua 180, batido no dia da compra da máquina. Na estante, os livros, uma de suas paixões. Resolveu tirar uma soneca e para isso bastou deitar na cama e fechar os olhos. O cansaço vinha da noite anterior, do rebu no Vagão. Acordou horas depois, ouvindo passarinhos, o que em São Paulo era impossível acontecer. Refez a pergunta que viajara com ele: fico ou volto para aquele campo de batalha? Havia um cursinho numa cidade próxima. Era só decidir.

A noite, Felipe vestiu-se para uma visita ao clube, o único da cidade, centro de reunião da garotada e onde havia o melhor salão de baile da região. Fora lá que deixara de ser um menino para ser um jovem, já sonhando em estudar e quem sabe viver para sempre na capital. Passou pelo portão e, logo à entrada, no saguão, sentiu-se importante: num quadro reservado aos avisos e notícias de interesse dos associados estava a página d'O *Clarim,* jornal que sua mãe recortara. "MOTINHA VENCE CAMPEONATO *DE MOTOCROSS."* Lá, era Motinha, filho do Mota, que fora presidente da câmara dos vereadores, e era ainda muito lembrado na cidade.

Felipe dirigiu-se ao salão principal, dos jogos de mesa, leitura, bate-papos e fofocas. Tudo o que acontecia na região comentava-se ali, sempre com muita graça. Reconheceu logo um grupo de amigos, mas permaneceu à porta, como mero visitante.

O Magro, colega de sala do segundo grau, foi quem o viu primeiro. Sua voz dominou o salão:

— Êh! Pessoal! Tem gente famosa visitando o clube!

Imediatamente, o cerco: Pinheiro, Bambaleão, Caçula, John Lennon, Mamãe-me-disse, Rodrigues 1 e 2, gêmeos, e o Paranhos, que também tinha motoca. Felipe somente recebera tantos abraços no dia em que vencera o campeonato. Mas respon-

der a mil perguntas ao mesmo tempo não dava.

Foram todos para o bar do clube, ao ar livre, onde outros amigos e conhecidos aproximaram-se, querendo saber da vida em São Paulo e dos pormenores de sua vitória no *cross.*

— Não tinha nenhum cobrão no campeonato — disse Felipe, modesto.

— Mas você vai continuar, não vai? — perguntou Paranhos.

— Ainda não sei, vamos ver.

A turma não entendia a modéstia e os “ainda não sei” de Felipe.

— Você chegou, viu e venceu e ainda diz que não sabe? O gostinho da fama não agradou?

— Posso ser famoso aqui, mas lá ninguém me conhece. Quando a gente desce do pódio, tudo continua igual. Mas chega de *motocross,* pessoal. Agora, quem paga o quê?

Felipe estava precisando de uma noite assim, longa, alegre e cordial. Até o presidente do clube, que era o vice-prefeito, apareceu para cumprimentar o visitante. Garantiu que mandaria afixar no quadro notícias de todas as vitórias que Felipe obtivesse nas pistas. Mas não foi uma reunião só de barbados, “lindas garotas da sociedade local”, chavão sempre usado pelo jornal da cidade, compareceram ao clube para conhecer ou rever o ilustre personagem. Uma delas, Célia, das mais grã-finas, que lhe dissera um *não* no baile de Aleluia, pretextando indisposição, foi a que mais se mostrou assanhada, oferecida, porém recebeu o troco, um olá seco e formal de campeão. Forra!

No dia seguinte, a festa continuou: Felipe deu entrevista na emissora de rádio local, apresentado como o maior esportista da cidade. Achou aquilo um tanto ridículo, exagerado, mas agüentou firme, respondendo às perguntas com desembaraço. O jornal, semanal, voltou a falar dele com esta manchete: “MOTINHA, O REI DA MOTOCA, CHEGOU!”.

— Nem seu pai teve tanto cartaz na cidade! — comentou dona Glória. — Ainda vão dar seu nome a uma rua, como ele tem!

— Papai tinha miolo, advogado, promotor público — respondeu Felipe. — Eu ainda não provei nada, apenas ganhei um campeonato de motos.

A irmã entrou com o jornal.

— Aqui diz que sábado vai haver um baile no clube em sua homenagem. Está com tudo, Fê!

O baile foi gostoso, com o salão cheio, palavras de obaoba, proferidas pelo presidente, e um mundo de garotas bonitas, todas querendo dançar com o campeão. Felipe e Vilma, saudoso par de roqueiros, deram início à festa, com a corda toda, fazendo mil peripécias pelo salão, uma aula grátis para quem quisesse aprender. Depois, o campeão ficou à disposição das outras damas, que não lhe deram sossego até o final do baile.

Vida boa: acordar com os passarinhos, estar perto da família, cercado de amigos e considerado o herói esportivo da cidade. Com tudo isso, Felipe perguntava-se: fico ou volto?

Estava mais para o *fico* do que para o *volto,* quando o Paranhos lhe mostrou o último número de uma revista de *motocross.* Em cores, página inteira, em plena ação, a moto toda inclinada numa curva, ele: "SANDRO (O RATO) LIDERA O CONTINENTAL *MOTOCROSS".*

— Esse é o cobrão do *cross.*

— É mais falação da imprensa — disse Felipe.

— Já disputou com ele?

— Na pista, não, foi na estrada, quando ia para Sampa. Adivinha quem chegou na frente?

Paranhos fez aquela cara, que todos sabem, de quem ouve e não acredita. Lorota. Felipe voltou para casa com aquela foto acendendo e apagando diante dos olhos. Foi para o quarto, deitou, relaxou, pensou e...

Dona Glória entrou no quarto do filho.

— Vai um cafezinho, Fê?

Decidiu:

— Mãe, amanhã eu volto pra casa dos tios.

18.

Ao ver o sobrinho entrar na loja, Lola apertou-o com força e beijou-o. Clóvis e Tuta entreolharam-se. Haviam apostado: ele volta ou não?

— Como vai, homem gordo?

— Muito bem, Felipe.

Tuta:

— Vejam como ele engordou! A comida da mamãe deve ser um negócio!

— Veio firme para encarar os estudos? — perguntou o tio.

Felipe fez uma pausa, criando um suspense.

— Só para encarar os estudos, não. Quero correr. Dá pra me inscrever na próxima, tio?

Felipe tirava as roupas da mala, quando a tia entrou.

— Como está o pessoal lá?

— Numa boa. Mandaram mil lembranças.

— E a cidade, Fê? Estranhou?

— Agora que vivo em São Paulo aquilo parece uma cidade de brinquedo, um cenário de novela das seis.

Lola riu, mas tinha algo sério a dizer.

— Estive com Joyce.

Felipe tentou ser natural, falhou.

— Onde?

— Encontrei-a no supermercado, mas tive a impressão de que esperava por mim. Ela sabe que vou lá às sextas de manhã. Disse que...

— Tia — interrompeu Felipe, — não quero saber nada dessa pessoa. Acabou. -

— Está certo, tudo tem seu fim. Apenas queria transmitir o que ela me disse. Aliás, Joy não estava com boa cara... Sem aquele brilho.

Felipe desviou o olhar.

— Mas namorando com o Rato...

— Está, com o Rato, mas disse que ainda gosta de você, que está muito dividida, que...

— Obrigado pela dica, tia, porém estou em outra. Apaguei Joy do meu quadro-negro — garantiu Felipe.

Quando Lola saiu do quarto, quem pareceu meio apagado foi ele. Bastara ouvir o nome dela para aquelas emoções voltarem em onda. “É mais difícil resistir às lembranças aqui em São Paulo”, concluiu Felipe.

À noite, Felipe jantou com os tios e com Tuta, muito aceso.

— Então quer correr mesmo? — perguntou o tio.

— Pensou que tivesse mudado de idéia? Continuo ligado.

— Gostei de ouvir! — exclamou Tuta. — Confio em você, garotão!

Clóvis, sempre por dentro do *motocross,* foi informando:

— O campeonato que está em curso é o Continental *Motocross,* tradicional. Outro, do qual possa participar, oficializado, vai demorar. Os que restam por aí são corridas avulsas, que não dão cartaz, não somam nada, mas servem para o estreante ou novato ganhar experiência.

— Topo qualquer coisa — disse Felipe. — O que eu quero é correr.

— A gente cuida disso — afirmou Tuta — Queremos que se familiarize com marcas, modelos, cilindradas, tudo.

— É isso aí — confirmou Clóvis.

— Obrigado pela colher — agradeceu Felipe. — Farei o possível para não decepcionar vocês. Agora vou sair.

— Aonde vai? — quis saber Lola, ainda traumatizada pela surra que o sobrinho levara na danceteria.

— Dar um giro por aí, respirar. Tchau.

Felipe de fato não sabia onde ia. Foi andando, as pernas resolvendo por ele. Quando "acordou", estava entrando no Vagão.

19.

Felipe não fora ao Vagão para tirar a forra. Era que seu *eu,* lá dentro, queria ver como se comportaria, qual a sua reação, no cenário da pancadaria. Uma pessoa, como qualquer máquina, precisa ser testada. Os primeiros momentos foram desagradáveis: tinha a impressão de que todos olhavam para ele e faziam comentários. Podia ser apenas impressão? No bar, aproximou-se de um garçom que havia tentado separá-lo do Rato.

— Olá!

O garçom respondeu o "Olá!" e continuou o seu trabalho. O rebu devia estar esquecido, não fora o único ocorrido no Vagão. Pediu um refrigerante, mais aliviado, já pensando nas corridas avulsas.

Um toque suave no ombro.

— Lembra de mim?

Era para esquecer? Débora, a fãzoca chique. E com uma pinta de arrasar.

— Quem vê você uma vez...

— Você sumiu, onde tem andado? Venho procurando por você.

— Fui visitar a família, no interior.

Débora, franca:

— Pensei que tivesse desaparecido por causa daquela confusão.

Já que ela tocara no assunto:

— Viu o vexame todo?

— Vi, sim. Até mandei um coleguinha ajudar você, mas o cara ficou com medo do Rato. Machucou-se muito?

— Não — respondeu Felipe. — Foi só o astral que baixou, mas tudo azul.

Ela continuou, muito interessada:

— O motivo foi aquela garota?

— Sim, foi o pivô do crime, como dizem os jornais na seção policial. Mas não estou nem aí, já passou.

Débora fez uma sugestão quente:

— Vamos dançar?

— E a turminha?

— Dispersa pelo salão.

Débora não dançava como Joy; faltava-lhe flexibilidade, jogo de pernas e balanço, mas por que ficar comparando uma com outra? Seu forte era a sua classe, as roupas incrementadas, na moda, cheirando a dinheiro. Aliás, ela toda, a voz, o jeito, o andar, era de quem tinha famfiia certinha e com uma grande conta no banco. Para Felipe uma companhia como aquela caíra do céu, depois da trombada que levara. Mas era Débora quem parecia mais contente e realizada.

Dançavam, ora separados, ora juntinhos, afinando os estilos, combinando os movimentos, quando um olhar bateu em Felipe — frio e despeitado. Vinha de uma mesa, cheia de garrafas, ocupada por Joyce, Sandro e outro casal de namorados. Débora não perdeu o lance e perguntou:

— Viu quem está aí?

— Vi, mas nem estou ligando.

Mas estava. Era mais difícil dançar sob o olhar de Joyce. Ficou com os movimentos duros, desarticulados.

Débora, viva, percebeu:

— Vamos beber alguma coisa.

Melhor na mesa. Felipe estava mesmo precisando de um refrigerante. Para demonstrar que a presença de Joyce não o perturbava, fez perguntas a Débora sobre sua vida, seus amigos e ocupações. Confirmando o que aparentava, ela levava a vida que pedira a Deus. Os pais, ricos, viajavam muito, e ela própria conhecia inúmeros países. Seu maior luxo era já ter esquiado na neve. Mas sua preocupação no momento era o curso de comunicações. Pretendia ser jornalista ou produtora de tevê. Um ano mais velha que Felipe, terminara o segundo

grau com notas tão altas que o pai, cumprindo promessa, lhe dera um carrão de presente.

— E você, fale de você — exigiu.

— Estou desorientado — confessou Felipe. — Ainda não escolhi o caminho. Minha mãe quer que eu curse administração de empresas, mas nem sei direito o que é isso. Não faz mal. Eu resolvo.

— E o *cross,* foi só um showzinho ou vai continuar?

— Vou continuar. Não sei até quando, mas vou — respondeu Felipe com firmeza.

— Até o dia em que derrotar o Rato nas pistas?

Felipe não respondeu logo, precisou de mais refrigerante.

— Até lá, talvez. Mesmo que demore.

Débora apertou-lhe o braço, transmitindo-lhe confiança. Ele estava precisando de alguém, fora da família, para lhe dar força.

Ao sairem do Vagão, Débora conduziu Felipe a seu carro: esporte, azul-metálico, beleza.

— É esse? Que máquina!

— Levo você para casa.

— Não é preciso, Débora. Vou de ônibus.

— Entre, será um prazer.

O carro de Débora estacionou diante do BOX DOS MOTOQUEIROS, mas Felipe não desceu logo. Ficaram ouvindo pelo rádio um som lento, romântico, mais antigo, que ela às vezes preferia. A noite, que estava boa, ficou melhor. Pela primeira vez depois da briga com Rato esqueceu os azares todos.

E mais:

— Não vá embora sem me dar um beijo — Débora exigiu.

20.

— Quem era a moça do carro? — perguntou tia no dia seguinte.

— A senhora viu?

— Sempre dou uma olhada na rua antes de passar a chave na porta da loja.

— Chama-se Débora, conheci no Vagão.

— Você foi no Vagão? — ela exclamou, surpresa.

— Pensava que nunca mais pusesse os pés lá, mas fui. E não me arrependi. Tudo encaixou.

— Fez muito bem, o jeito é enfrentar — aprovou a tia. — Mas me conte: a tal Débora é boa garota?

— Muito bonita e educada. Já esquiou na neve...

— Quer dizer que é rica?

— Aquele carro é dela, ganhou de presente. Mas não pense que é cheia de panca, é até muito simples. A gente vê e gosta.

Mas qual a mulher que não é curiosa quando se fala de amores?

— Joyce estava lá? — quis saber Lola, acesa.

— Estava.

— E ela viu vocês???

— Viu — respondeu Felipe. — Não tirou os olhos quando dançamos. Mas se quer saber, não senti nada.

Clóvis aproximou-se com a notícia:

— Tem uma cidade aí, nem sei qual, que programou uma corrida de *motocross* entre as comemorações de aniversário da fundação. Topa?

— Já topei. Pra quando?

— Semana que vem.

— Pode me inscrever — disse Felipe indo para o quarto.

Clóvis estranhou: que havia com Fê?

— Parece que ele saiu do baixo astral — observou.

— Arranjou uma namorada — explicou Lola. — Agora, sim, tudo vai bem.

21

A corrida de *cross* comemorativa da fundação de uma pequena cidade, próxima ao Paraná, foi a primeira de uma série de provas avulsas que Felipe disputaria. Seus concorrentes não eram muito experientes, mas valeu correr sob uma chuva fina numa pista enlameada para aprimorar o equilíbrio. Advertido pelo tio, deixou os mais afoitos se precipitarem na frente. Não deu outra, caíram quase todos. Resultado: Felipe venceu a primeira bateria folgadamente. Na segunda, um dos concorrentes resolveu usar a cabeça, também não se precipitou, e venceu a bateria. Mas no cômputo das duas Felipe

fez mais pontos e ganhou a prova.

— A turma era fraca, mas foi ótimo correr com chuva — ponderou Clóvis. — Isso acontecerá mais vezes.

A partir daí, enquanto aguardava oportunidade nos campeonatos, Felipe não perdeu nenhuma corrida avulsa que aparecia, quase sempre em pequenas cidades do interior. Não venceu todas, claro, mas em cada uma aprendia novos macetes para se firmar como um corredor de *cross* para ninguém botar defeito.

Débora acompanhou Felipe numa dessas corridas, quando ela conheceu Clóvis, Lola e Tuta. Todos gostaram muito dela.

— Sua namorada é gente fina — disse-lhe o tio.

— É muito bacana — acrescentou Tuta. — E parece estar gamada por você.

— Você acha? — perguntou Felipe.

— Está na cara, garoto! Precisava ver como ela sofreu durante a corrida! Se você não ganhasse, ela ia ter uma coisa.

O amor de Débora por Felipe tornou-se coisa sabida nas pistas de *cross,* nas lanchonetes que freqüentavam, e no Vagão. Tanto que, certa noite em que ela circulava entre as mesas da danceteria, à procura do namorado, alguém lhe bloqueou a passagem acintosamente.

— Precisava lhe dizer uma coisa.

Era Joyce, meio descontrolada.

— Dizer a mim? Quem é você?

— Você sabe perfeitamente quem eu sou. Ouça...

— Fale depressa que estou esperando uma pessoa.

— É justamente sobre essa pessoa que quero falar.

— Então desembuche.

— Felipe. Você se engana se pensa que está apaixonado. Ele ainda gosta de mim — disse Joyce como se cuspisse as palavras. Tensa. — Perde seu tempo, queridinha.

— Estou aproveitando meu tempo muito bem. Agora saia da frente que seu ex vem vindo.

Joyce quis dizer mais alguma coisa, mas perdeu o pique e deixou Débora passar, já com cara de arrependimento: fizera um papelão.

Mas Débora, dez passos além, vendo Felipe que entrava no Vagão, perguntou-se, apesar do despeito de Joyce, se não havia alguma verdade, ou toda, naquilo que ela dissera.

A noite, porém, foi muito curtida e alegre.

22.

O cursinho teve início e Felipe passou a freqüentá-lo todas as manhãs. O retorno à escola não foi chato; se não se preparara o suficiente, ao menos ganhara maturidade e talvez graças ao *cross* uma capacidade maior de concentração. Não ficava, como antes, dispersando a atenção nas conversas e gracinhas dos colegas. Aprendera, finalmente, que entender era mais prático que decorar. Assim não precisaria gastar tempo reestudando as lições, o que prejudicaria os treinos. Clóvis e Tuta estavam decididamente empenhados em torná-lo um craque e precisava aproveitar a boa vontade deles.

Quanto às corridas avulsas, iam bem. Correra até na areia, no Guarujá, vencendo uma e perdendo outra. No interior, só não chegava em primeiro quando a máquina quebrava. Mas eram vitórias que não repercutiam na capital, apenas somavam experiência.

Nesse período, o pior de tudo era ler os jornais e tomar conhecimento dos êxitos do Rato. Pelo número de pontos já obtidos, o Continental estava no papo. Ele deixaria de ser estreante ou novato para entrar na galeria dos cobras. Falava-se que ainda seria o campeão brasileiro.

O namoro de Felipe com Débora prosseguia numa boa. Namorar uma garota que estava sempre de bom-humor, que dividia despesas e ainda possuía um carrão daqueles era superlegal. Mas... Esse “mas” era Joyce, que não conseguia esquecer. Tentara até transformar o amor em ódio, porém não funcionara. Não havia um dia em que não pensasse nela. As vezes, via-a no Vagão, dançando com o Rato, e sentia aquilo que os mais velhos chamavam de dor-de-cotovelo. No entanto, observava, ela não se mostrava feliz, sem o tchã e a luz dos outros tempos.

Quem estava sempre de olho nele e dava conselhos era a tia.

— Trate bem essa Débora. Outra igual você não vai encontrar mais.

Era sensato, mas sensatez tem algo a ver com amor?

Certa manhã, Felipe voltava do cursinho, quando o

chamaram. Voltou-se: Joyce. As pernas tremeram.

— Como vai, Fê?

— Assim, assim.

— Soube das corridas que tem ganho. Você é mesmo dos bons.

— Que nada! Só ganho de estreantes, caras que nunca disputaram campeonatos — disse Felipe.

— Modéstia! Todos sabem que em Ribeirão Preto ganhou de duas feras!

— Como soube? Nenhum jornal deu.

— Quando a gente quer, sabe de tudo — garantiu Joyce.

Felipe respirou, belisçou-se: verdade, estava conversando com Joy!

— Uns e outros é que estão com a bola toda.

— Sandro? Para mim ele não é melhor que você.

— Só você que pensa assim. Como vai o namoro?

Pergunta direta que Joyce não gostou.

— Mais ou menos. E você com a Débora?

Responder o quê?

— Ela é ótima.

Ficaram a se olhar, como se um deles tivesse perguntado onde ficava a rua tal e o outro não soubesse explicar.

— Um dia a gente se cruza — disse Joyce.

Ela já ia embora?

— Joy?

— O quê?

— Nada — respondeu Felipe.

— Até, Fê — despediu-se Joyce, tomando o seu caminho.

23.

Felipe, no quarto, lia uma revista especializada, quando deu com isso: “RATO VENCE O CONTINENTAL *MOTOCROSS”.* Numa foto, o campeão com aquele blusão de couro preto, marchetado, recebia um beijo de Joyce. Sob a foto, esta legenda: “O melhor troféu do campeão: o beijo da namorada”. Jogou a revista para cima do guarda-roupa. Mas o sofrimento teve repeteco: à noite, com Débora, no Vagão, foi obrigado a assistir a uma homenagem ao Rato, com palavrório, oba-obas e tudo o mais. Joyce certamente estava lá, enturmada, chique e

bonita. Desde que levara a surra, foi aquela para Felipe a pior noite no Vagão. Pensou até em sair da danceteria, mas seria fugir da raia. Depois, Débora, camaradona, não tinha muito a ver com aquilo. Engoliu mais essa.

Em casa, os tios e Tuta, para não aborrecê-lo, evitaram falar do campeonato, mas Felipe recusou proteção.

— Viram quem ganhou o Continental? O Rato. Melhor assim.

— Melhor? — estranhou o tio.

— Prefiro ganhar de alguém que tenha muitos troféus. Falei.

Ninguém comentou nada em sua presença, mas quando Felipe foi para o quarto, Clóvis disse:

— Não gostaria que tivesse uma decepção. O Rato já é um craque e ele, um novato. Dificilmente se encontrarão algum dia.

O certo é que no dia seguinte, na pista de treinos, Felipe disparou como um raio. Estava sozinho, mas imaginando que o Rato corria com ele, ora à frente, ora emparelhado, ora atrás. Por fim, cansado, parou perto de Clóvis e de Tuta. Havia, porém, outra pessoa perto. Um motoqueiro com sua máquina japonesa, todo de preto e aquelas placas metálicas. Um que sorria.

— Treinando um bocado, escoteirinho?

Era o Rato, o maldito Rato.

— Por hoje chega — disse-lhe o tio. — Traga a moto.

Tuta precipitou-se em pegar na máquina de Felipe.

— Desça, Fê. Nada de encrencas.

Mas Felipe não saiu de cima da moto. O que o Rato queria? Estava para o que desse e viesse.

— O que diz de um tira-teima? — sugeriu o de preto. — Dez voltinhas para esquentar.

— Vamos nós — berrou Felipe, irritado, mas ainda sem saber se o desafio partia de uma pessoa de carne e osso ou de uma miragem.

Clóvis avançou e segurou a 180 pelo guidão.

— Besteira! Pegue seu caminho, Rato!

Felipe suplicou:

— Vou mostrar pra ele quem é o bom, tio.

— Deixe o escoteirinho correr, Clovão — disse Rato. — Com os campeões é que se aprende.

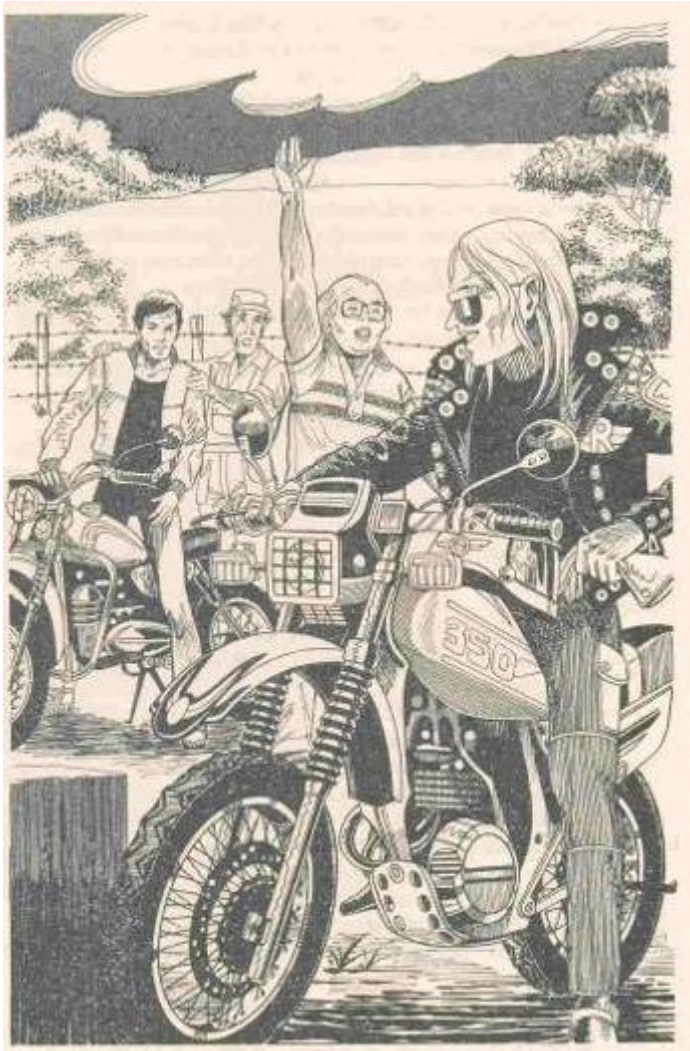
— Eu também sou um campeão! — bradou Felipe.

— Ótimo, serão dois campeões na pista — disse Rato. —

Dez voltas e ainda deixo você sair na frente.

Clóvis perdeu a paciência:

— Deixe de provocações, seu marginal! Se algum dia vocês se defrontarem será numa pista de verdade, em campeonato. E nessa ocasião será bom levar a briga a sério, do contrário entra pelo cano.



— O que diz de um tira-teima, escoteirinho? — provocou Rato, atiçando em cheio a vaidade de Felipe.

E sem mais palavras, Clóvis e Tuta puseram a moto na caminhonete.

— É uma pena — comentou o Rato, ligando sua máquina. Queria ensinar certas manhas para você, escoteirinho. Treinado por esses coroas você não irá muito longe.

Os três fizeram que não ouviram. Já na volta, Felipe, de cara amarrada, fez uma queixa:

— Vocês deviam ter me deixado.

— Tudo tem seu tempo — disse o tio. — Com toda essa raiva, você não poderia controlar a máquina. E, além do mais, sejamos francos: ainda não está no ponto para enfrentar o

Rato.

— Já sei tudo de motos, tio.

— Não diga isso, Fê. A gente nunca chega a saber tudo de coisa alguma. Até a morte, estamos sempre aprendendo.

Clóvis era meio sábio, melhor concordar com ele. Mas fora bom o encontro. Felipe acabara de tomar mais uma dose de ódio, uma colher cheia, fortificante amargo que lhe daria mais garra na ocasião do grande pega.

Chegaria esse dia — o do grande pega???

24.

Rato entrou na lanchonete onde costumava marcar encontro com Joyce. Chegou atrasado como sempre, ela esperando-o numa das mesas, impaciente.

— Se demorasse mais um pouco, eu ia embora.

— Desculpe, gata, é que tive um encontro com um amigo seu.

— Que amigo?

Um olhar, um sorriso:

— O escoteirinho.

— Felipe? Onde foi isso?

— Na periferia, onde uns caras vão treinar. Estava com o tio e um mecânico.

Joyce, ansiosa:

— Vocês se falaram?

— Fiz um desafio para um pega — disse o Rato. — Daria até uma vantagem, uns cem metros ou duzentos...

Ela mexeu-se na cadeira:

— E ele?

— O escoteirinho quis bancar o valente, topar, mas os outros não deixaram que ele corresse. Deve ter dado graças a Deus.

Joyce não gostou do que ouviu: por que o desafio? Molecagem.

— Você, quase veterano, agiu mal. Felipe começou a correr outro dia. Por que não desafiou o campeão brasileiro? Aí, sim, eu daria parabéns.

Rato não costumava ser macio nem com as garotas.

— Fiz o que pintou no momento. Ele merecia —

esbravejou.

— Baixaria!

— E não venha me dizer o que devo ou não fazer. Não admito isso.

— Fale baixo, tem gente olhando, Sandro.

— Que olhem!

Joyce calou-se, mas não resignada. Desde que vencera o campeonato, Sandro ficara ainda mais cheio de si, dono do mundo. Se não gostava de alguém, pisoteava. Queria vencer não apenas com a moto, usava também os punhos e os pés. Era o seu jeito de impor personalidade.

— Vamos embora — disse Joyce.

— Cedo, ainda. Está chegando gente e quero exibir minha mina. Gosto que me vejam com você.

Joyce viu aí o pretexto para um rompimento.

— Não sou manequim de vitrina — rebateu. E fazendo menção de levantar-se: — Pra quem fica, tchau.

Rato não concordou:

— Vai ficar, sim, e numa boa.

Joyce, decidida:

— Sabe de uma coisa, campeão? Esse é o momento pra gente acabar tudo. Você já me enjoou.

— Ninguém vai acabar nada — ele garantiu, em voz baixa e firme. — Relaxe.

— Sandro, a gente não se sente mais, nosso namoro está todo grilado. Vamos pôr um ponto-final.

Rato não se perturbou:

— Pra mim está como antes. Não vejo motivo.

Aí Joyce levantou, resolvida.

— Pode estar bem pra você, pra mim, não. Siga o seu caminho que eu sigo o meu. Tá?

Ele continuava impassível:

— Não tá, não. Se você levantar daqui, se me chutar, eu dou uma de Zorro, me vingo.

— Vinga, como?

Assim:

— Procuro o escoteirinho e dou a maior surra nele, dessa vez pra dar hospital.

Joyce sentou-se novamente.

— Mas o que Felipe tem com isso? Não tenho mais nada com ele!

— Tem, sim, tem peninha. Por isso vai deixar tudo como

está. Não vai?

25.

Felipe já estava cansado das corridas avulsas, que não davam cartaz, ansioso por coisa melhor, quando Clóvis chegou à oficina com um sorriso imenso, maior que o rosto.

— Boas notícias, Fê! Venho da associação.

— Quais, tio?

— Você vai correr.

— Outra avulsa? — perguntou Felipe, sem entusiasmo.

— Nada de avulsas. Vai disputar um campeonato. Pra valer.

Tuta, que estava por perto, aproximou-se.

— Ouviu essa, Fê?

— Serão sete provas numa só bateria, para estreantes e novatos que já subiram ao pódio — esclareceu Clóvis. — A primeira e a última provas serão realizadas na capital. As outras cinco, cada uma em uma cidade. E você já está inscrito.

Felipe fez uma pergunta que só poderia ser esta: -

— O Rato vai nessa?

Clóvis jogou um balde de água fria:

— Ele deve estar na mira do campeonato nacional. Subiu de turma após o Continental.

— Uma pena, tio.

— Uma sorte, devia dizer. Ainda não está pronto para ele.

— Nem tudo pode ser perfeito — disse Felipe. — Quando é a primeira prova?

— Ainda este mês.

Aquela noite Felipe correu para o Vagão e dançou com Débora como um maluco. O pessoal fez roda, aplaudiu, pediu bis. E o melhor era que Joyce e o Rato viam tudo, pertinho, de uma mesa de pista, ele tomando cerveja.

— Seu escoteirinho está elétrico — comentou Sandro. — Será que ganhou um apito novo?

— Eu sei por quê — disse ela.

— Por quê?

— Está inscrito no próximo campeonato de *cross.*

Susto de Rato e um aperto no braço de Joyce.

— Como sabe que ele está inscrito? — perguntou Rato

apertando o braço de Joyce com força.

— Pare com isso! — reclamou ela.

— Vamos! Responda! — insistiu o rapaz.

— A tia dele me disse — esclareceu Joyce.

O Rato tomou um gole de cerveja, pensativo. Como fazer para acabar com aquela alegria? Outro gole.

— As inscrições já se encerraram? — perguntou.

— Isso não sei.

Sandro não falou muito o resto da noite, ruminando idéias. Mais tarde foi telefonar e voltou logo, com mais sede e sem tirar os olhos de Felipe, reinando no meio da pista. Joyce também olhava o par de roqueiros, mas sem ódio. Apenas desejava estar no lugar de Débora.

26.

Felipe estudava no quarto, a cara dentro de um livro, quando Clôvis e Tuta entraram, empurrados por alguma novidade. E não parecia ser notícia boa, estava nos olhos e no jeito deles.

— Uma notícia meio chata, Fê... — começou Clóvis. — Conte pra ele, Tuta, você que esteve na associação.

— É, eu estive lá e...

— Rejeitaram minha inscrição. Foi isso?

— Por que rejeitariam? — disse Clóvis. — Seu nome foi muito bem recebido. Acham você uma promessa...

— Então, qual é o grilo, tio?

Clóvis e Tuta trocaram olhares. Quem falou foi o gordo.

— Aquele selvagem, aquele delinqüente...

— O Rato?

— Sim, o Rato.

— O que ele fez? — perguntou Felipe, angustiado.

— Ele... ele se inscreveu.

— O quê?

— Ele vai correr — confirmou Clóvis.

Enigma.

— Mas o senhor não disse que os cobrões não participariam?

— Disse, Fê. Não é um campeonato pra ele. Está mais acima. Acho que se inscreveu só pra esnobar você, humilhar...

—E a conclusão: — Eu e Tuta achamos que para evitar baderna devíamos cancelar sua inscrição.

Felipe deu um berro do calibre de um urro de leão.

— Cancelar a inscrição???

— Pra não melar o campeonato... não dar rebu.

— É por aí — atalhou Tuta.

Lola, que ouvira o urro, entrou no quarto.

— Não quero cancelar coisa alguma — prosseguiu Felipe. — É minha chance!

— Calma, Felipe, vamos pensar — disse Clóvis.

— Já pensei, tio, está decidido.

Clóvis desmanchou a cara de preocupação.

— Está certo. Não retiraremos a inscrição. A sorte está lançada. Vamos em frente.

Felipe voltou-se para Lola:

— Tia, eu e o Rato vamos disputar um campeonato.

Lola abraçou-o.

— Era o que queria, não?

— Era.

— Então, vá à luta. Tem muita gente pra lhe dar uma força. E no caso de perder...

Felipe riu:

— Quem disse que vou perder? Tirem isso da cabeça. Acham que deixaria escapar essa oportunidade? Eu?

27.

Joyce estranhou o bom-humor de Sandro, ambos outra vez na lanchonete do Shopping.

— O que aconteceu de tão bom para estar rindo à toa?

— E aconteceu mesmo, gracinha.

— Coisa do *cross?*

Ele:

— Vou participar do Força Livre *Motocross.* Um vale-tudo.

Joyce, entendida, estranhou.

— Pensei que se inscrevesse no paulista ou no nacional, depois do último campeonato. Vai dar um passo atrás?

— Trata-se de uma satisfação particular, um castigo que quero aplicar a alguém.

Joyce adivinhou, mas fingiu que não.

— Que alguém?

— O seu escoteirinho. Ele não está inscrito? Vai ser divertido.

Joyce não poderia estar de acordo.

— Disputar um campeonato só para esnobar uma pessoa... Não bastou a surra que lhe deu?

— Bastaria, se ele não tivesse aquela crista. Apanhou no Vagão e agora vai apanhar nas pistas. Barba e cabelo. Serviço completo.

— Você não está procedendo como quem leva o *cross* a sério.

— Os cobrões como eu merecem um refresco de quando em quando — disse o Rato. — E tem mais: quero que assista às provas.

— Não vou assistir — afirmou Joyce.

— Se não for, apronto uma e ele quebra a perna, tá?

Joyce ficou quieta, mas fervendo por dentro. Aquela transa fora da admiração ao ódio muito depressa. Se arrependimento matasse... E não havia jeito de escapar dele sem prejudicar Felipe.

28.

Felipe saía do cursinho quando viu Joyce, apagada, sem o tchã.

— Fê, precisamos conversar.

— Qual é?

— Sandro vai disputar o Força Livre.

— Sabia.

Sem olhar nos olhos, Joyce prosseguiu:

— Tudo para deixar você numa pior, fazer gozação. Se eu estivesse em sua pele, caía fora.

— Obrigado pelo aviso e pelo conselho, mas me inscrevi antes e não vou cair fora. E pode dizer a ele para se cuidar.

— Não posso dizer, ele não sabe que vim aqui. Se soubesse, pobre de mim.

— O que ele faria?

Quase uma confissão:

— A gente nunca sabe do que Sandro é capaz. O que ele tem na cabeça não é miolo, não.

Felipe olhou para a rua.

— Desculpe, mas paremos por aqui. Débora chegou.

E de fato Débora encostava seu carro e acenava. Joyce viu quando ele beijou-a. Pensou que fosse chorar lá, na calçada, cercada de alunos do cursinho, e para que isso não acontecesse, disparou numa carreira pela rua.

29.

No carro, Débora perguntou (tinha classe, não demonstrou ciúme):

— O que Joyce queria?

— Avisar que o Rato se inscreveu no Força Livre.

— Só avisar?

— Pediu para abandonar o barco. Só onda. O que ela tem com minha vida?

Para Débora não havia mistério.

— Certamente arrependeu-se de trocar você pelo Rato. Ainda está parada em você.

— Não acredito.

— Pode apostar. É gamação mesmo. Disso eu entendo.

Felipe viu uma tabuleta em um edifício e pediu:

— Pare aqui.

— Não quer que o leve pra casa?

— Lembrei de uma coisa, Débora. A gente se vê no Vagão, às nove.

Felipe desceu do carro e voltou ao ponto onde vira a tabuleta. Subiu uma escadaria, dessas que tem nos prédios velhos sem elevadores, e chegou a um salão, recortado de janelões. Sobre um tablado, cercado de cordas, dois pugilistas estavam em ação. Era uma academia de boxe. Ficou observando, além da luta, a atividade de alguns alunos nos sacos de areia e aparelhos. Muita agitação e ruidos de pancadas.

O dono da academia, rondando por ali, era um ex-campeão de peso-leve, famoso no seu tempo, mas já de cabelos brancos, coroa, pesadão. Muito simpático, estimulando alguns alunos e corrigindo outros, circulava por todo o salão, a sorrir e a cumprimentar pessoas. O pai de Felipe vira-o lutar muitas vezes e jamais esquecera suas qualidades de bailarino.

— Quanto se paga aqui por mês?

— Você iá é amador? — perguntou o proprietário da academia a Felipe.

— Não, esse não é meu esporte. Quero apenas dar murros nesses sacos para desenvolver os músculos.

O ex-campeão riu.

— Por quê? Anda com gana de alguém?

— Tem um folgado aí que vive me ameaçando. Cismou com minha namorada. Sabe como é que é.

— Quem entra aqui é para aprender boxe. Não seria melhor umas aulinhas?

— Já estou aprendendo muita coisa — disse Felipe. — Meu caso é dar murros. Meia horinha por dia em horário de menor movimento.

O ex não era desses tipos que costumam dizer não.

— Venha entre duas e três. Pode usar aqueles sacos e aparelhos todos. Faço preço de liquidação.

— Já vi que o senhor é do peito. Amanhã eu pago e começo. Meu nome é Felipe.

30.

Â tarde, Felipe teve uma reunião com tio Clóvis e Tuta. A pergunta-base era esta:

— Com que máquina vou disputar?

— Com a que se ajeitar melhor.

— Minha 180 serve?

— Por que não?

— Mas a do Rato é muito mais possante.

Explicação do Tuta:

— Nos campeonatos de força livre, marca e cilindrada não ganham o jogo. Há muitos obstáculos no percurso. O que importa é a raça, a garra, a marra.

— E nem daria tempo de se familiarizar com outras motos — ponderou Clóvis. — Você já fez bonito com sua máquina e vai fazer outra vez.

A decisão agradou Felipe.

— Então vou correr com minha própria motoca? Posso mesmo?

— Pode e deve — disse o tio. — Mas não se preocupe. O

Tuta vai colocar nela um par de asas.

Risos.

— Quando é a primeira corrida?

— Domingo.

— Já?

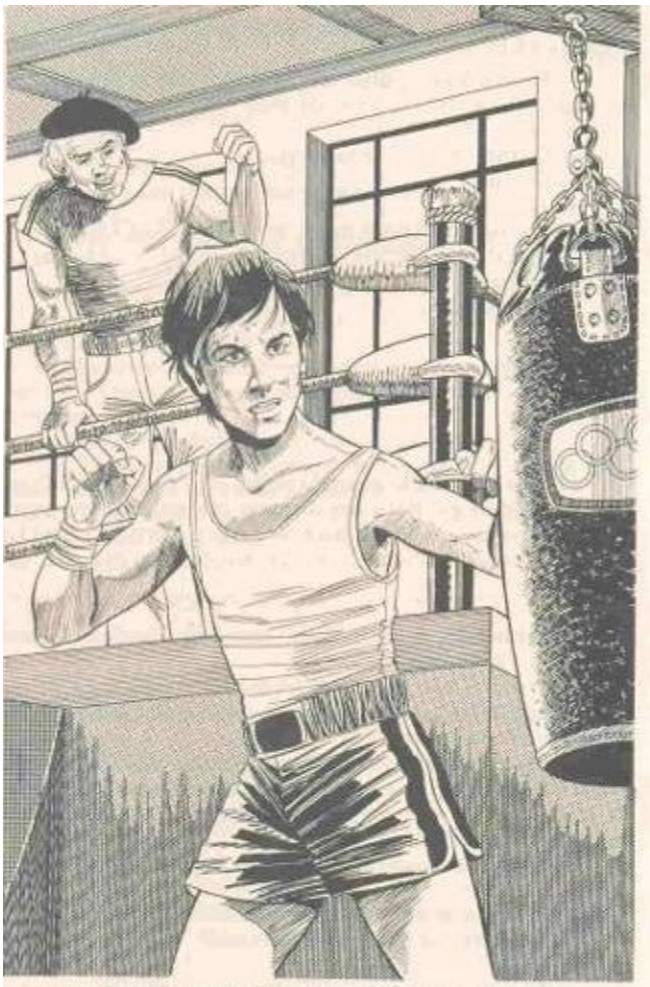
— Precisamos treinar todos os dias — disse Clóvis.

— Mas depois das três — lembrou Felipe. — Ás duas tenho compromisso.

— Combinado.

31.

As notícias voam. Naquela noite, no Vagão, todos já sabiam que Felipe e o Rato iam disputar o mesmo campeonato. Sandro devia ter espalhado para ter mais público na pista. Lá estava ele, mais desinibido que nunca, ao contrário de Joyce, desanimada.



Lembrando-se do rival, Felipe começou a esmurrar com vontade o saco de areia da academia, incentivado pelo treinador.

Lembrando-se do rival, Felipe começou a esmurrar o saco de areia, na academia.

— Como é, não vai calçar luvas?

— Se a tal pessoa quiser me quebrar a cara, não vou ter tempo de pôr as luvas, vou?

— Isso é, mas me deixe ensinar algumas coisinhas. Murro é uma coisa, empurrão é outra. Você está empurrando esse saco. Murro precisa ser seco: pum! — e esmurrou, — assim. Uma pancada firme, em cheio. Tente.

Felipe imitou o soco do ex-campeão: um soco rápido e forte.

— Melhorou?

— Plante-se melhor no chão. Vamos.

Felipe repetiu a dose, bem plantado.

— Assim?

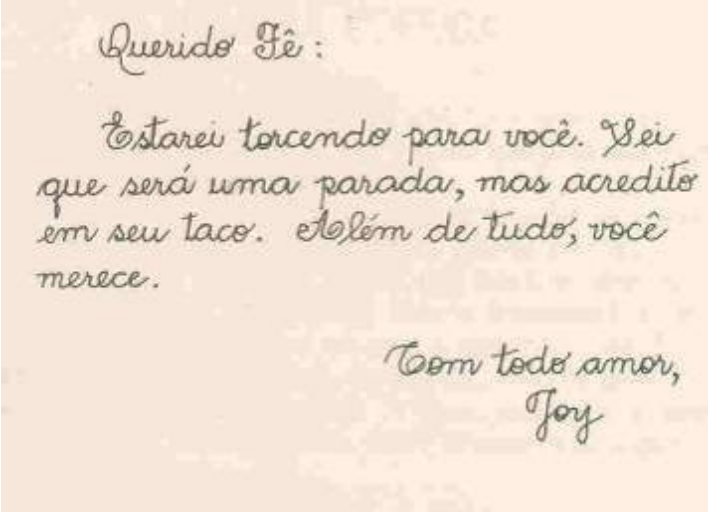
— Está bem, mas por que está treinando só com a direita? A gente não tem dois braços? Aprenda a usar a direita e a esquerda. Se o tal for canhoto, você se azara.

— Nada como um cracão para ensinar a gente.

— Mas não deve treinar só com o saco de areia. Pule um pouco de corda, como aquele lá — apontou. — Agilidade sempre ajuda. Bem, continue. Às vezes eu passo pra dar uma olhada.

Algum tempo depois, com os braços doendo, Felipe já estava treinando na pista. O Rato não apareceu. O próximo encontro dos dois seria na largada da primeira corrida.

Em casa, Lola esperava Felipe com uma carta que acabara de chegar. Devia ser da família. Não era.


Querido Fê:

Estarei torcendo para você. Sei que será uma parada, mas acredito em seu taco. Além de tudo, você merece.

Com todo amor,
Joy

Felipe levou a carta para o quarto e releu-a muitas vezes. *Com todo amor.* Afinal, se ela o amava por que... Não entendia. Confuso, não sabia se se concentrava nela ou na corrida. Na sala, ligou a tevê: Rato dava entrevista em um programa esportivo.

— Esse campeonato é moleza — dizia. — Meu objetivo é disputar o nacional. Mas ouçam esta aqui: estão todos convidados para uma festa de arromba. *Sorry,* fâzocas, mas vou ficar noivo. No duro. E, por enquanto, a todos aquele abraço.

A cuca de Felipe pifou. “Querido Fê...” E agora essa notícia? Só pirando.

O grande pega

32

PRIMEIRA CORRIDA

As vinte motos estavam emparelhadas à espera da partida. As arquibancadas cheias — era o Rato que já atraía público. Suas lorotas e seu blablablá colavam.

— Lembre-se — Clóvis advertira a Felipe. — Só haverá uma bateria. Não haverá segunda chance na mesma corrida.

Felipe fixou os olhos nos avisos: três minutos, dois minu-

tos, um minuto. Que era aquilo? Estava tremendo? Estava. Irritava-o ouvir a galera gritar em coro o nome do Rato. Desde a chegada vira-o uma única vez, de relance, todo de preto com as placas metálicas, e a arrogância de quem esquecera as preocupações em casa. Meio segundo. Em que ponto das arquibançadas Joyce estaria?

E... liberaram o *starting-gate.* A saída!

Diabo, Felipe saiu mal como se estivesse distraído, logo ficando encaixotado entre outras motos. Tentou escapar do sanduíche pela direita e pela esquerda, mas sem vez. Tudo o dificultava, inclusive o *rock* jorrando sobre a pista, a impor um ritmo que não conseguia acompanhar. Em que lugar estaria? Só havia uma certeza: Rato não se deixara deter pelo bolo e saltara na frente, livrando distância.

Felipe não se saiu bem nos primeiros king-kongs, mas outros, pior que ele, afocinharam. Continuava, no entanto, sem espaço para desgarrar, e ainda inibido, o desempenho travado pela emoção. Prudente demais, fazia tudo certo, como se seguisse a cartilha do *cross,* não se aventurando a executar nenhuma proeza. Nas próximas curvas, caprichou, o corpo todo inclinado, e, sem desacelerar, conseguiu ultrapassar duas motos. Aos poucos sentiu-se mais concentrado, olhos abertos, mas já não tenso como nas primeiras voltas. A calma é irmã da apatia, porém a tensão leva ao descontrole. Nem calmo nem atabalhoado, era a medida. Conselhos de tio Clóvis e de Tuta que lhe ocorriam naquela confusão. Passou por mais um.

Joyce, na arquibancada, mordeu um sanduíche. Precisava mastigar alguma coisa. Uma amiga, a seu lado, perguntou:

— Por que o nervosismo, se o Rato está na frente?

E estava. Vinha liderando desde a terceira volta. Fazia uma corrida folgada, um passeio, como se esperava do favorito.

Felipe viu à sua frente um motor pifar e em seguida duas motos se chocarem. Ele e o de número 11 saltaram juntos um difícil obstáculo; o outro ficou, miau.

Um alarido, o público notou Felipe, reconheceu-o do campeonato de estreantes e novatos, que vencera, e começou a lhe dar apoio. Os alto-falantes mencionaram seu nome:

— Vejam Felipe Mota em quinto lugar! É um novato de futuro.

Quinta colocação! Não era mau. Felipe esquentou mais. Corria como se os guardas de trânsito estivessem atrás dele, na tarde da escadaria. Pôs de lado as precauções excessivas. Um

pouco de loucura ajudava, O quarto colocado, assustado, errou na troca de marcha — emparelharam. Correram uma volta inteira colados. Nessa disputa aproximaram-se bastante do terceirão, que montava uma tremenda máquina. A galera de olho na luta, vibrou. Felipe teve a impressão de ouvir a voz do tio: “Use a cabeça, Fê, e voe sobre o king-kong, como fazia nas avulsas”. A máquina colaborou: belo salto! Onde estava o parceiro, o que estava em quarto lugar? Ficara para trás. Com o impulso aproximara-se ainda mais do terceiro colocado, que ao acelerar, para fugir do assédio, derrapou numa curva, atrapalhou-se, ziguezagueando, e acabou perdendo a posição para Felipe.

— Felipe Mota já é o terceiro! — bradava o locutor. — Vamos lá, garoto!

O que ia em segundo subitamente deu tudo para alcançar o Rato e chegou a emparelhar com ele. Mas faltou-lhe categoria. Felipe viu o piloto e a moto voando, cada um numa direção. Agora, ele e o Rato, este com os olhos no retrovisor. Tão preocupado, pisou na bola, escorregou, enquanto Felipe aproximava-se, ignorando os obstáculos. Explodiram as reações do público, dividido entre o ídolo e o jovem e quase desconhecido desafiante. Que pega!

As duas últimas voltas: “Um erro e babau”, pensou Felipe, vendo Sandro pouco à sua frente, tentando inutilmente ganhar espaço, pois o que conquistava nas retas, perdia nas curvas. Lá vou eu! Era Felipe saltando uma cratera. O Rato também era bom de pulo e continuou liderando, mas, atrapalhado por um retardatário, permitiu que o adversário emparelhasse.

Estamos juntos! Agora, tudo ou nada! É a última! A máquina de Felipe não dava mais que aquilo. Era o limite. Só poderia ganhar na sabedoria ou no azar do outro. Mas o Rato, tarimbado, não parecia disposto a cometer erros. Continuaram emparelhados nas curvas e saltos.

— Quem vai ganhar? Impossível prever! — berrava o locutor.

A galera ergueu-se nas arquibancadas. Lola olhou para o lado, não quis ver. Clóvis e Tuta correram para a linha de chegada. Joyce encolheu-se toda e Débora perdia a voz de tanto gritar.

Os dois colados, os guidões quase se tocando, ambos um vulto só na poeira que levantavam. Felipe ou o Rato? Aí...

— O que aconteceu? — gritou Joyce, apavorada.

Felipe viu-se arremessado para fora da pista. Levantou-se, mas a moto estava longe. O Rato ganhara. Não! Ele também fora atirado à distância e, mancando, tentava erguer sua pesada moto. Conseguiu, mas só ruído, ela não pegava. Felipe levantouse, pôs a 180 em posição, atordoado. O que adiantava? Muitos já cruzavam a chegada. Ele e o Rato não marcariam pontos. Todo sujo, o corpo doendo, prosseguiu lentamente. O Rato, que afinal fizera a moto pegar, emparelhou-se com Felipe.

— Você aí, gostou do tombo que lhe dei?

— Que história é essa de você aí? Sou o escoteirinho. Não reconhece?

No *box,* Felipe era esperado pelos tios, Tuta e Débora. Joyce estaria por perto? Tirou o capacete.

— O que achou da corrida, homem gordo?

Clóvis respondeu com uma gargalhada, engrossada e prolongada por Tuta e pelas mulheres. Riam como se tivessem assistido a um filme cômico. Outros pilotos e mecânicos, próximos, aderiram ao coro das gargalhadas. Jamais houvera no *motocross* uma derrota tão festejada!

— Foi tudo ótimo, Fê! — exclamou o tio. — Você não queria ficar atrás do Rato e não ficou.

— Ele disse agora que me deu o tombo!

— Deu nada! — garantiu Tuta, — Foi acidental! Vocês tinham a mesma chance!

O melhor: o beijo de... Débora. E de tia Lola, tão entusiasmada!

Outros o abraçavam como se tivesse vencido. Mas foi um repórter de uma revista especializada que sintetizou o pensamento geral:

— A atração do campeonato vai ser o pega entre Felipe e o Rato. Aguardem.

Felipe voltou para casa no carro de Débora, ela querendo dizer-lhe uma coisa:

— Sentei perto da Joyce e a observei o tempo todo.

— É.

— Torceu doidamente por você.

33.

SEGUNDA CORRIDA

Felipe esmurrava o saco de areia, na academia, pensando na corrida e no que Débora dissera, honestamente, sobre Joyce. “Torceu doidamente por você.” Se era verdade, por que continuava com Sandro? Que ela se sentira atraida por ele, um cobrão do *cross,* querido das garotas, entendia. Mas já que a onda passara, a ilusão constatada, o que a impedia de dar uma tesourada no namoro?

— Está indo melhor agora — observou o ex-pugilista. — Seus socos já têm mais *punch.* Mas não fique tão duro e parado assim. Mexa-se mais para não se tornar alvo fácil. Veja aquele lá — disse apontando para o tablado, onde dois alunos boxeavam.

— Observe como têm ginga, um vai-não-vai. Assim que se luta. Felipe foi para o banheiro, tomou uma ducha fria e saiu da academia. Ao descer do ônibus, perto do BOX DOS MOTOQUEIROS, viu-a à distância. Joyce, correndo ao seu encontro!

— Você não se machucou na queda?

— Arranhei a perna. Mas o que faz aqui?

— Vim ver você.

A hora do esclarecimento.

— Não gosta mais do Rato, não é isso?

— Falou. Acho que jamais gostei. O cartaz dele e o seu ciúme fizeram tudo.

A última frase antes da reconciliação:

— Então por que não dá um tchau pra ele?

Joyce embaraçou-se, mas saiu-se com esta:

— Você está namorando a Débora, uma boa moça, melhor que eu. Não quero que a deixe por minha causa.

— Ora, Débora compreenderá...

— Mas ficaria muito magoada. E ela não merece.

Vendo que Joyce queria afastar-se, Felipe tentou detê-la:

— Vamos conversar melhor. Há uma lanchonete aí, dobrando a esquina.

Joyce escorregou:

— Não posso ir, estou com pressa. Você esteve o fino domingo. Felicidade para a próxima, em Campinas. — E, sem mais papo, disse Shazam! e desapareceu.

Os pulos de alegria, os rojões foram adiados. Aquela tarde Felipe não quis treinar, pretextando dores no corpo. Precisava de muita paz e da palavra de uma pessoa madura, que

entendia da vida. Essa pessoa sábia estava lavando pratos.

— Tia, Joyce veio falar comigo.

— Não diga! O que ela quer? Namorar com você outra vez?

— Foi o que pensei, pois disse que não gosta mais do Rato. Mas apesar disso não vai romper com ele. Dá para entender?

— Joy pode ter procurado você por estar com ciúme da Débora.

— Não seria outro motivo para voltar comigo? Ela até falou bem da Débora, disse que não quer magoá-la. É um enigma ou não é?

— Vai um café? — ofereceu Lola, como se precisasse de tempo para pensar. — Fiz agora.

Felipe experimentou.

— Hum, está ótimo! — Mas segurou o assunto: — Como a senhora explica, tia? O que há com a Joy?

A intuição de Lola respondeu:

— Para mim tem coisa feia aí. Ela deve estar presa ao Rato por algum motivo. Mas não pergunte o que é que não sei.

Campainha. Joyce abriu a porta do apartamento e não gostou do que viu. Era o Rato.

— O que veio fazer aqui?

— Estava passando pela rua.

— Nunca convidei você para entrar. Saia. Mamãe não sabe nada do nosso namoro.

— Já devia saber — disse o Rato empurrando a porta e entrando. — Um namorado famoso como eu não se esconde da família. Devia ter um *big poster* meu aqui na sala. Qualquer garota faria isso.

Uma voz lá dentro:

— Quem está aí, Joy? — era dona Selma, a mãe dela.

— Eu — respondeu Rato com firmeza.

Imediatamente uma mulher de meia-idade, vestida de modo simples, apareceu na sala.

— Olá! — Rato sorriu para ela, pegou-lhe a mão e beijou-a, com falsa cerimônia. — Meu nome é Sandro, mais conhecido como Rato. Sou namorado de sua filha, dona. Sabia?

Dona Selma lembrou:

— Rato?! O do *motocross...?*

— Em pessoa!

Dona Selma era dessas que gostam de todo mundo.

— Muito honrada em conhecê-lo, moço. Outro dia vi você na tevê, numa reportagem. Diziam que vai longe.

— Pode apostar que sim, minha sogra.

Olhou para a filha.

— Então vocês são namorados? Por que não me disse nada, Joy?

— Por isso estou aqui — esclareceu o Rato. — Gosto das coisas às claras. Para mim namoro não é brincadeira. E vamos ficar noivos. Até já dei a dica na tevê.

A mãe de Joyce apontou uma poltrona à visita. Sandro sentou-se, já dono do pedaço. Joyce porém não aprovava a invasão. Agora seria ainda mais difícil livrar-se dele.

— Domingo vou correr em Campinas — disse Rato. — Joyce pode ir comigo? Pode ficar tranqüila. Eu a trago direitinho de volta.

Dona Selma ficou indecisa.

— Joy é que sabe...

— Ela está doidinha pra assistir à prova. E Campinas é aí na esquina, sogra.

— Está certo, podem ir — concordou dona Selma.

— Obrigado. A senhora é legal às pampas. — E dirigindo-se a Joyce: — Há uma lanchonete esperando por nós.

A briga entre os dois começou no elevador.

Joyce:

— Você não devia ter aparecido. Ninguém o convidou.

— Mas a coroa me adorou! Foi com minha pinta! Não percebeu?

— Ela trata bem qualquer visita.

Na rua, a continuação:

— Mas por que a bronca? Você é ou não é minha namorada?

— Já lhe disse, Sandro, quero pôr um fim nisso.

— Por quê?

— Para ficar livre como um passarinho.

Rato não foi nessa:

— Quer liberdade para me passar pra trás com o escoteirinho, eu manjo. Mas faça isso, faça e vai ver.

— Ver o quê? — assustou-se Joyce.

— Por muito menos parti em dois um sujeito lá da minha terra. Ainda vive em cadeira de rodas. Por que pensa que tive de sumir do interior?

— Você já bateu em Felipe uma vez. Não está satisfeito?

— Aquilo foi só uma amostra grátis. Da próxima vai ser muito pior. Escreva.

Joyce pensou em Felipe com amor. Ela não podia ser responsável por nenhum mal que lhe acontecesse. Preferiu não discutir com Sandro.

— Mas eu não queria ir pra Campinas.

— Se sua mãe já concordou, qual é o grilo? Quero que me veja ganhar a prova.

— Felipe deu um susto em você no domingo, não?

O Rato já tinha a resposta:

— Fogo de palha do escoteirinho. Mas ele fica por aí.

Ao voltar de Campinas, após a prova, Felipe, muito cansado, foi para o quarto, jogou-se na cama e dormiu. Acordou só à noite com um telefonema aflito de Débora.

— Como é que foi tudo? — ela perguntou.

— Perdi. Fiquei em segundo.

— Quem ganhou?

— O Rato — respondeu Felipe.

Uma pausa, outra pergunta.

— Está aborrecido?

— Fiz o possível, mas não deu. Faltou pique, visão e o resto.

Dêbora ofereceu-lhe um prêmio de consolação.

— Felipe, um dia desses vou levar você à minha casa. Quero que conheça meus pais. Tá?

— Tá.

— Boa noite.

Felipe desligou o telefone e pôs-se a lembrar dos lances de sua derrota. Mais uma vitória do Rato e seria quase impossível alcançá-lo. Clóvis aproximou-se:

— Domingo você vai à forra.

— Acha, tio?

— Você cometeu uns errinhos, mas vamos sanar isso nos treinos. Agora não se fala mais nisso. O jantar está na mesa.

34.

TERCEIRA CORRIDA

Felipe procurou levar a semana descontraidamente. Raiva, só na academia, em hora certa, depois de passar a manhã no cursinho. Aqueles socos no saco de areia aliviavam.

— Quero lhe ensinar um macete.

Era o ex-campeão, um amigo.

— Que macete?

— Nem sempre dá para acabar com um adversário com um único soco. Só Rocky Marciano fazia isso. Tem de aprender o um-dois. Um em cima, outro embaixo. Pam-pam. Como uma dança, sincronizados. Assim. Veja.

O dono da academia demonstrou no saco de areia. Um-dois.

— É como disparar dois tiros em lugar de um.

— Isso.

Felipe esmurrou o saco de areia: um-dois, um-dois, um-dois.

— Mais ritmo. Um-dois.

— Assim?

— Vai indo. Faça só isso hoje. Um-dois.

Era um refresco para a cuca e Felipe corria mais leve para as pistas de treinos. Certa tarde Clóvis observou algo em sua mão.

— O que é isso? Machucou?

Os murros no saco de areia.

— Apenas um arranhão, foi no banheiro. Escorreguei no sabonete.

— Está até inchada. Peça para Lola fazer uma salmoura.

— Certo.

No próximo encontro que teve com Débora, no Vagão, ela renovou o convite, ansiosa:

— Vamos à minha casa esta semana? O que diz na sexta?

— Já falou com sua mãe?

— Ainda não.

A visita seria quase um compromisso e Felipe estava com a cabeça cheia.

— Deixemos para a semana que vem.

— Eu sei — disse Débora. — Você está concentrado no domingo, não é?

— Se eu perder não vai dar mais pé.

Débora entendeu, sempre de acordo com tudo que Felipe dizia ou fazia. Ele, porém, não estava com o pensamento apenas voltado para a prova, encucado demais com a atitude de

Joyce, que o amava e recusava-o. Precisava conversar com ela, decifrar o enigma, saber das coisas, mas num terreno fechado em que não pudesse escapar. Daí a idéia: ir ao apartamento de Joyce, sem aviso, decidido.

Ao chegar ao edifício onde Joyce morava, Felipe hesitou. Mas se recuasse não se perdoaria mais tarde. Entrou sem dar bola ao zelador e apertou o botão do elevador. Como seria recebido? Melhor nem pensar. Chegou ao terceiro andar, o dela, e nova hesitação. Tocou a campainha do apartamento e sentiu no dedo um frio que logo se espalhou pelo corpo todo. Se demorassem para atender, pegava o elevador e desceria.

Uma mulher abriu a porta.

— O que o senhor deseja?

— Eu queria falar com Joyce.

— Ela o conhece?

— Diga que é o Felipe, um amigo dela.

A mulher foi para dentro e num instante, afobada, Joyce aparecia. Se a intenção era a de causar surpresa, conseguira. Nunca a vira tão pálida.

— Vá embora, por favor — ela disse. — Sandro vem aí.

Felipe não se mexeu, indignado.

— Então ele freqüenta seu apartamento? Já é de casa?

Joyce tocou nele, querendo que apanhasse o elevador.

— Vem às vezes. Vá, Felipe, ele disse que viria — implorou Joyce, conduzindo-o contra sua vontade.

— Seria até bom que ele me encontrasse aqui. Já que não gosta dele acabariam tudo duma vez.

Joyce apertou o botão de chamada.

— Não me crie problema!

— Que problema?

— Um dia eu explico.

— Explica o quê?

— O elevador está chegando.

Felipe não se conformava com aquela saída rápida.

— Acho que você pirou, Joy. E não me empurre que não tenho medo dele.

Joyce abriu a porta do elevador.

— Entre.

Felipe não entrou, fixo no chão.

— Por que não me conta tudo de uma vez? Aí eu pego minha reta e não a perturbo mais. Você é quem complica.

A mãe de Joyce, que ouvira vozes altas, apareceu à porta

do apartamento.

— A gente se vê — disse a moça.

— Não conte comigo pra isso — rebateu Felipe. — Prefiro não vê-la mais.

Bufando, Felipe saiu do edifício. A resolução estava tomada: esquecer Joyce. Seguida de outra: dedicar-se só a Débora. Nem esperou chegar em casa, telefonou dum orelhão.

— Sou eu, Felipe. Vamos ao Vagão esta noite?

Dêbora apareceu no Vagão bonita e disposta. Desde o telefonema percebeu que Felipe não estava legal, mas não fez perguntas. Dançaram, ele com a corda toda, solto e exibicionista. De uma das mesas, Joyce e o Rato observavam, porém só ele falou:

— Na pista do Vagão até que ele é bom, mas nas de *motocross* sou eu o rei.

Joyce viu Felipe e Débora encaminharem-se a uma mesa de braços dados, juntos, carinhosos. Se antes, quando os via, pareciam meros conhecidos, agora não.

— Vamos embora? Estou com dor de cabeça — disse Joyce.

— Que foi? Aqueles dois a perturbaram?

— A mim? Imagine.

Rato quis saber mais:

— Ele nunca a procurou?

— Nunca — mentiu Joyce. — Está apaixonado por Débora, não vê?

Rato não disse nada, mas era astucioso demais e, como todo machão, sempre achava que havia muito de mentira mesmo nas verdades que as mulheres diziam. Mas não estava com os nervos em descanso, preocupado com a terceira corrida do campeonato. Se a vencesse, aí, sim, poderia comemorar antecipadamente, pois se tornaria muito difícil a Felipe ou a qualquer outro alcançá-lo na contagem de pontos. Apenas lamentava que dessa vez Joyce não o acompanharia; a prova seria em Ribeirão Preto, longe demais para dona Selma permitir.

Felipe, ao contrário de Sandro, estava mais calmo. O rompimento com Joyce, que tudo indicava definitivo, fizera-o pensar apenas na corrida. Já na pista de treinos, arrancara aplausos do tio e de Tuta. Estava motivado, decidido e frio.

Chegou até a garantir na mesa do almoço:

— Esta ganho, tio.

— Minha preocupação é com a pista. O Rato a conhece, você não.

— Além dessa, tem outra vantagem: é mais experiente — admitiu Felipe. — Foi seu trunfo na corrida de Campinas. Mas se não der nenhum problema na máquina, ganho. Sinto isso aqui dentro — disse, batendo no peito.

— Eu também sinto que vai ganhar! — exclamou Lola. — Tenho tanta certeza que fecho a casa e vou com vocês. Quero vê-lo lá em cima, no pódio!

— E comemoraremos em Ribeirão Preto, tomando o melhor chope do País! — prometeu Clóvis, começando a embarcar naquela onda de entusiasmo.

Parece que isso de ter fé, acreditar, ir com tudo, enfrentar a luta do jeito que ela vem, dá certo mesmo. Garra e confiança não são apenas palavras: decidem. Mas se for assim na vida, no dia-a-dia, como será nas pistas? Considerações e perguntas que Felipe fazia lá do degrau mais alto. Estava no pódio.

Rato subira ao segundo degrau apenas por um instante. E enquanto o terceiro colocado cumprimentava Felipe, confraternizando-se, Rato dizia a uma emissora de rádio local que perdera a liderança da prova por culpa do motor, que rateara. Mas não fazia mal: tendo chegado em primeiro numa corrida e em segundo noutra, já estava na ponta do campeonato. Depois da entrevista, evaporou.

— Viu a cara do Rato? — Tuta perguntou a Felipe, entre um abraço e outro do público.

— Não deu pra ver, ficou de lado, no pódio. Que cara fez?

— Cara-de-pau — respondeu o mecânico. — Como se estivesse aqui a passeio.

Depois foram todos à maior choperia da cidade, famosa no País, Felipe ainda cumprimentado e abraçado.

O jornalista que previra como maior atração do campeonato o pega entre o Rato e Felipe, de copo de chope na mão, confirmava:

— Eu não dizia? Um vence uma, outro vence outra. Como ambos perderam a primeira corrida, e são sete, pode até dar empate. Esse campeonato será o mais quente, do ano, anotem.

Depois da vitória, no lugar de festejar como os tios e Tuta faziam, falando com todos que se aproximavam da mesa, Felipe

mostrava-se um tanto indiferente, calado, olhando sem ver, distante.

Lola, ligando seu aparelho de raio X, perguntou:

— Saudade de Débora?

— De quem?

— De Dêbora.

— Ah, sim, claro.

Mais tarde, Lola foi chamada ao telefone. Quem a chamaria se não conhecia ninguém na cidade? Voltou algum tempo depois *e* curvou-se sobre Felipe, com novidade.

— Sabe quem é? Joy. Localizou a gente aqui. Quer dar uma palavrinha a você.

Felipe ia saltar da cadeira, mas se deteve.

— Diga que não quero falar com ela.

— Apenas uma palavrinha, Fê. Ela está ansiosa.

— Já disse, tia. Não quero. — E erguendo a voz: — Eh, garçom! Mais um copo.

Lola voltou ao telefone e muito sem jeito repetiu o que Felipe mandara. Então ouviu um soluço e um breve ruído metálico.

A comemoração prolongou-se até o começo da madrugada, mas Felipe não se integrou na festa. Permaneceu à margem, como se a vitória não tivesse sido sua. Apertar a mão e retribuir os abraços dos que chegavam parecia trabalho, obrigação. Mesmo se o Rato estivesse ali, não se abalaria. O ódio era um sentimento pequeno demais perto daquilo que estava sentindo.

35.

QUARTA CORRIDA

— Eu moro aqui, Felipe.

O rapaz olhou deslumbrado para o casarão, velho, mas imponente, classudo. A frente, um largo portão e jardins. Parecia que se respirava melhor atrás daqueles muros. Felipe jamais entrara numa residência assim, senhorial.

Uma empregada uniformizada apareceu para abrir a porta. Por dentro a casa causava ainda melhor impressão, muito

espaçosa, atapetada e mobiliada com móveis pesados, escuros, de aspecto solene. Era como Felipe imaginava uma mansão, freqüentemente descritas, com detalhes, nos romances antigos.

— Que beleza a sua casa! — exclamou Felipe, mas sem se sentir à vontade. A grandeza e o luxo o inibiam.

Débora percebeu.

— Está nervoso?

— Acho que sim. Seus pais são camaradas?

— Meu pai é! Um amigão! Infelizmente está viajando. Você iria gostar dele.

— E sua mãe? — perguntou Felipe, vendo a empregada uniformizada entrar com uma bandeja de sucos e refrigerantes.

A resposta não foi imediata; exigia palavras mais pensadas.

— Não é má pessoa, mas... É um tanto orgulhosa, dessas que gostam de impor sua opinião. E como é nervosa! Não há remédio que dê resultado.

Esse cartão de visita deixou Felipe ainda mais inquieto. Tomou três copos em seguida.

Afinal, uma mulher loura, alta e majestosa, entrou na sala, pisando firme, a ponto de fazer tremer os cristais.

— Onde tem andado, Débora? — A voz, também volumosa, encheu a sala.

— Fui à faculdade e depois ao clube.

— Você não pára em casa, menina. Culpa de seu pai que nunca chama sua atenção. É um banana!

Débora replicou:

— Ora, mamãe, papai é uma doçura!

— É um banana, eu disse.

Felipe, constrangido, encostou-se na parede da sala.

— Mamãe, queria lhe apresentar um amigo meu.

A mãe de Débora não tomou conhecimento do visitante, sempre a andar pela sala, a pisar duro, muito irritada.

— Vou proibir você de ir ao clube — ela decidiu. — E não a quero mais nessa tal danceteria.

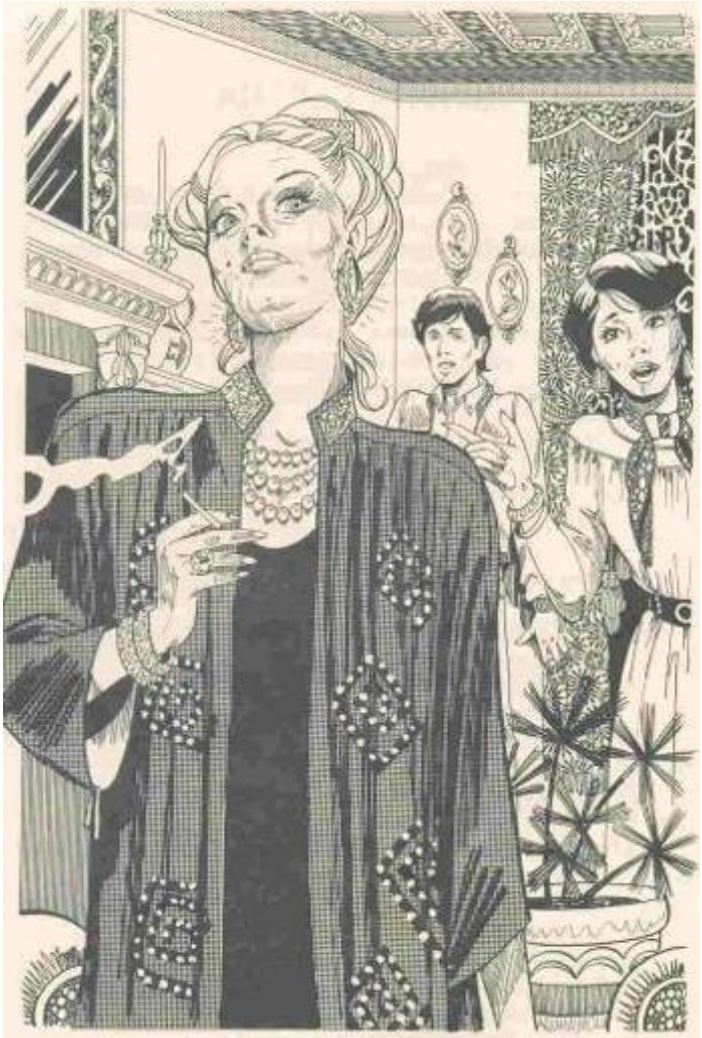
Débora, que diminuía perto da mãe, como se a temesse, insistiu ainda:

— Mamãe, esse é o Felipe.

Afinal a opulenta senhora descobriu que havia mais alguém na sala e cravou os olhos no rapaz. Felipe quase se esconde atrás de uma coluna.

— Você é amigo de minha filha? — trovejou.

— Sou, sim, senhora.
— É mesmo?
— Sou.
— Então vai me fazer um favor. Diga a ela para se afastar das lanchonetes, do clube, da danceteria e para não ir mais a essas pistas de *motocross.* Quero que um dia se case com um moço de nossa posição, bem-posto na vida, formado, e não com um qualquer, como esses que freqüentam esses lugares. Você me faz esse grande favor, moço?



Alta e majestosa, a mãe de Débora não tinha meias-palavras:
— Quero minha filha longe do ambiente do motocross*!*

Olhando para cima, para aquela mulher alta, num ambiente estranho para ele, Felipe apenas respondeu:
— Faço.
— Vou lhe agradecer muito, pois não posso contar com o pai dela, que é indiscutivelmente um banana. Posso contar com você?
— Pode, minha senhora.
— Quer um refrigerante?

— Obrigado, já tomei. Agora preciso ir. Muito prazer em conhecê-la, dona.

Felipe tomou o rumo da saida acompanhado por Débora, que baixara a cabeça, perdida. Ao chegar ao jardim, ela continuava despersonalizada, com vontade de sumir num buraco que se abrisse no chão.

— Fê, me perdoe. Saiu tudo errado.

— Não se aborreça, Débora, a vida tem dessas coisas.

— Eu devia ter dito que você é meu namorado.

Felipe discordou.

— Fez bem em não dizer. Teria sido ainda pior. Depois, quer saber? Acho que sua mãe tem razão. Você deve obedecê-la. Será muito mais feliz.

Débora não quis que aquilo fosse uma separação, doía.

— Não vamos nos ver mais, Felipe?

Embora sentindo que a moça sofria mais que ele, preferiu ser taxativo:

— Isto é um adeus, Débora. Quem sabe um dia nos encontremos no futuro e vamos rir muito do que aconteceu hoje. O tempo é engraçado, e faz dessas coisas.

Débora ia chorar, mas contraiu o rosto e segurou as lágrimas. Que garota maravilhosa! Disse apenas mais uma frase:

— Mamãe exagerou. Papai não é um banana.

— Tchau, Débora!

Felipe voltou para casa a pé, queria andar. Lá chegando, muito só, telefonou para a mãe, no interior.

— Como vai, mãe? E a mana, está boa?

— Aqui estamos bem — ela respondeu. — Como está indo nos estudos?

— Sem problemas. A senhora sabe que sempre fui bom aluno. Telefonei apenas para mandar um beijo. Encoste o rosto no bocal. Aí vai ele. — E disparou a beijoca.

Depois do telefonema, Felipe foi para o quarto. Lola logo apareceu.

— Já de volta da casa de Débora?

— Já.

— Que tal a mãe dela?

— Ótima!

— Então está tudo certinho?

Felipe abraçou a tia, sua confidente, e disse sem drama:

— Acabou, dona Lola. Foi muito bacana, mas chegou ao

fim. Mas numa boa. Nem briga nem grilo. Civilizadamente.

Não há curvas nem obstáculos para as notícias — elas voam. Logo se soube no Vagão que o namoro entre Felipe e Débora acabara definitivamente. Uma conhecida de Joyce, vendo-a na danceteria, contou-lhe a novidade.

— Dizem até que Débora vai estudar na Europa. Quem pode pode.

Não podia haver melhor novidade para Joyce.

— Verdade mesmo?

— Se duvida, veja.

Joyce viu Felipe num canto do salão, sozinho. Não agüentou. Foi ao seu encontro. Ao vê-la, vindo em sua direção, os sentidos do rapaz se acenderam. Teria coragem de repeli-la? Não. Faria as pazes naquele momento, se dependesse dele. Ia gritar "Joy!", quando uma figura de couro preto, o Rato, apareceu entre as mesas. Joyce parou, ainda a olhar para Felipe com insistência.

— Se olhar mais um pouco para o escoteirinho leva uma bolacha — ameaçou Sandro.

Joyce não era medrosa, tinha fibra, mas continuava temendo por Felipe. Dia a dia convencia-se de que o Rato, muito mais que simples brigão, era perigoso. E aquela história do rapaz que, surrado por ele, vivia numa cadeira de rodas, segundo certas informações, parecia verdadeira. Não podia expor Felipe a igual desastre.

Mas tanto Felipe quanto Rato não permaneceram muito tempo no Vagão aquela noite, presos à mesma preocupação: a quarta corrida do campeonato, em Curitiba.

Curitiba. Tudo aquilo outra vez: balões, flâmulas, dísticos, *rocks,* sanduíches, refrigerantes e poeira. Durante a prova, derrapagens, trombadas, quedas, motores estourados.

Felipe concluiu a prova coberto de lama. Jamais sua moto escorregara tanto. Quis ir logo ao hotel tomar um grande banho. Mal saiu do banheiro, ouviu o telefone. Atendeu.

— Fê?

— Tia Lola!

Ela não pudera viajar e estava ansiosa pelo resultado.

— Sabe quem está aqui ao meu lado?

— Quem?

— Joyce. Veio me visitar.

Felipe fez uma pausa. Poderia falar com ela em outras circunstâncias, mas não dava. Teve de forçar a voz para dizer:

— Então lhe dê uma boa notícia: Rato ganhou. Fiquei em segundo.

Lola insistiu:

— Ela quer falar com você...

— Só depois de ela ter acabado com o Rato. Antes, não. Tchau, tia. E desligou o telefone. Um instante depois, já estava arrependido.

Então Felipe ouviu da rua ruídos de festa. Foi espiar à janela. Era um fã-clube de Sandro, que, carregando-o em triunfo, comemorava sua vitória.

36.

QUINTA CORRIDA

Joyce fora visitar Lola porque lá ficaria conhecendo o resultado da corrida e porque tinham muito que conversar. A tia de Felipe levou um choque: não a esperava.

— A senhora deve estar pensando mal de mim — começou. — Mas não tenho toda a culpa do que está acontecendo.

— Não a culpo de nada. Você gosta de Sandro e isso explica tudo.

Joyce não fora até lá para mentir.

— Eu não gosto de Sandro. Pelo contrário, odeio esse cara.

— Odeia? Mas você gostou dele a princípio, não?

Parecia difícil explicar. Às vezes as coisas acontecem e a gente nem sabe como.

— Muito antes de conhecer Felipe eu já ouvia falar de Sandro e ele me chamava a atenção nas pistas. Para mim e minhas amigas era um ídolo que estava surgindo. Acompanhávamos sua carreira. Quando ele me procurou, me senti dividida entre Felipe, de quem já gostava, e Sandro com aquele cartaz todo. E aí o ciúme de Felipe, sua falta de tato, estragou tudo. Então aconteceu aquela briga, no Vagão, que nos separou de uma vez. Mas logo que comecei a namorar com o Rato, e depois que Dêbora apareceu, descobri que era o Fê que eu amava.

O tom era de sinceridade. Lola acreditou. Quantas vezes

as pessoas se enganam sobre seus próprios sentimentos! Lembrou-se de sua mocidade e do muito que hesitara para aceitar Clóvis como namorado. Quase o trocara por outro.

— Não precisa dizer mais nada, Joy. Eu entendo. Depois não se pode confiar muito em amores à primeira vista, como se deu entre Fê e você. Mas agora, que já sabe de quem gosta de verdade, que se decidiu, nada mais fácil.

Era aí o obstáculo a saltar.

— Eu não posso deixar Sandro.

— Por que não? Isso desagradaria sua mãe?

— Não, Lola — disse Joy. — Minha mãe mal conhece Sandro. Ele esteve em casa uma única vez. O motivo é outro.

— Qual?

Joyce fez uma longa pausa antes do desabafo.

— Se eu der um basta em Sandro, ele se vinga em Fê. Não é uma suposição. Ele mesmo me disse isso. Vive ameaçando. Lá no interior, bateu tanto num moço, que ainda hoje está em uma cadeira de rodas.

— É verdade isso? — espantou-se Lola.

— Ele próprio me contou. Teve de fugir da cidade. Mas depois se meteu em outras complicações. Sempre por violência. É um delinqüente.

Lola entendeu e concluiu por ela:

— E você teme que, se abandoná-lo, ele possa desforrar-se em Felipe. Por isso está se sacrificando. Joy, é muita nobreza de sua parte! Você possui um belo coração! Sua situação é mesmo delicada.

— Não sei o que fazer — ela confessou, baixando a cabeça.

— E o pior, minha filha, é que não posso ajudá-la com um conselho. Se você romper com o Rato, e ele ferir meu sobrinho, como é que vou me sentir? Penso naquele moço na cadeira de rodas...

Joyce ergueu a cabeça.

— Vim apenas para lhe contar o que acontece. Sei que estou num beco sem saída. Só me resta rezar.

Lola abraçou Joyce e ficaram as duas em silêncio. Aquele era um nó que só o destino saberia desatar. Mas o destino nem sempre tem boa vontade com as pessoas.

O dono da academia divertia-se vendo Felipe esmurrar o saco de areia. Parecia uma briga com um inimigo invisível.

Invisível, nada. O saco devia pesar uns cem quilos.

— Use a esquerda, use a esquerda — advertiu. — A gente nasceu com dois braços. E mexa-se um pouco, flexibilidade...

Para mostrar que assimilara as lições, Felipe pegou a corda e fez uma exibição. Brincadeira de criança que os pugilistas levam a sério. O ex-campeão, não satisfeito, tomou a corda e mostrou o que sabia. Era um espetáculo à parte.

— Nem se vê a corda!

O professor interrompeu a prática bruscamente e devolveu a corda a Felipe.

— Passe a raiva para as pernas. Comece.

Em casa, Felipe não resistiu e perguntou à tia:

— Então ela esteve aqui?

— Joy? Esteve.

— Ficou contente com a vitória do Rato?

— Não brinque, Fê. Ela ama você de verdade!

— Mas vai continuar com o cara, não? Por quê? Ela nem sabe de quem gosta. É como muitas que andam por aí. Faz de conta que não perguntei nada, tia.

Lola reagiu, porém não podia contar nada.

— Sou mulher e nessas coisas não me engano. Se ela não se decide por você é porque tem um motivo forte.

Felipe, irritado:

— E ela lhe disse que motivo é esse?

Que vontade de dizer!

— Não.

Felipe foi para a oficina; estava na hora de treinar com Clóvis e Tuta. Lola ficou sozinha sem saber o que fazer com a confissão de Joyce. Talvez já sofresse tanto quanto ela. Pensou em aconselhar-se com o marido. Mas ele estava demasiadamente concentrado na próxima corrida, em Campos do Jordão. Se Felipe perdesse mais essa, sua situação se complicaria no campeonato.

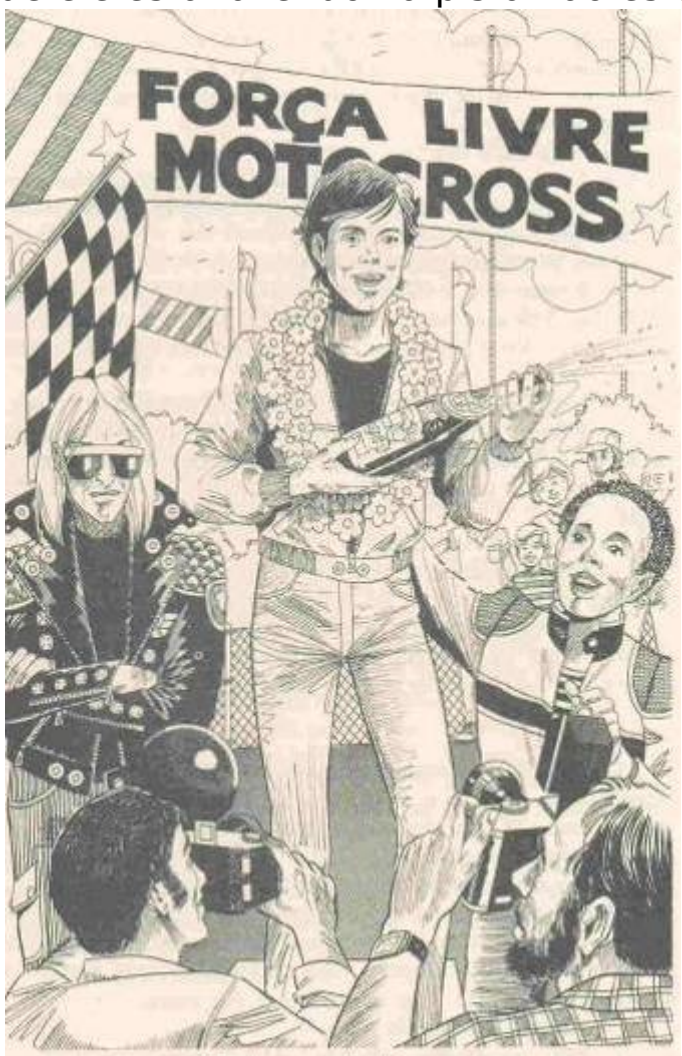
— O que eu disse está acontecendo — garantia o comentarista de *cross,* durante a quinta prova. — Todos os participantes não passam de figurantes. O pega é entre Rato e Felipe!

Um popular, que estava por perto, perguntou:

— É verdade que eles também não se entendem fora das pistas?

— O que dizem é que gostam da mesma garota. Uma

belezoca, por sinal! Daí um principiante como Felipe render tanto assim. O que ele está fazendo na pista não está no gibi.



Dessa vez Felipe era o vencedor. Rato, inconformado por ter chegado em segundo lugar, remoía por dentro a revanche.

Felipe esguichava o champanha no pódio, sob os *flashes* das máquinas fotográficas dos repórteres. No foco de todas, ele, o vencedor, e Rato, o segundo colocado. Enquanto isso, Clóvis comentava com Tuta:

— Tudo igual, agora. Os dois com o mesmo número de pontos. Já pensou na briga que vai haver nessas duas corridas que faltam?

— Nem quero pensar — disse Tuta. — Se penso, meu coração dispara.

37.

SEXTA CORRIDA (penúltima)

Lola decidiu-se. No quarto, para ninguém ouvir, contou a Clóvis tudo o que Joyce lhe dissera, na semana passada, sobre ela, Felipe e o Rato. Por mais que amenizasse a história, o conteúdo continuou dramático. O marido ouviu atento, sem perder uma palavra.

— O que devo fazer, Clóvis? Dizer a Fê que o Rato prometeu acabar com ele?

— Eu no seu lugar... — começou Clóvis.

— Espere. Tem de ser uma resolução conjunta, nossa. Só falarei o que ficar combinado aqui.

Clóvis pôs-se a andar pelo quarto, olhando para o chão, como se à procura de uma resposta. Abriu a janela e olhou o céu. Mas também não encontrou nada.

— Se contarmos o caso a Felipe, ele vai querer tomar uma atitude. E qualquer coisa que fizesse seria um rísco. O Rato éum sujeitinho perigoso e, como Joy disse, já se meteu em boas. Comenta-se isso na associação. Além do mais, Felipe está sob nossa responsabilidade. Não pode acontecer nenhum mal a ele enquanto mora conosco.

O raciocínio de Clóvis levava a uma só conclusão:

— Então não devemos lhe dizer nada?

Clóvis tinha mais a dizer:

— Não, ainda, Lola. Os ânimos andam tensos demais por causa do campeonato. Vamos deixar que as coisas se encaixem naturalmente. Por outro lado, se eu me meter nesse caso, abertamente, dirão que minha intenção é prejudicar o Rato no Força Livre.

Não surgira solução, mas fizera bem a Lola confidenciar-se com o marido. Abraçou-o.

— Tenho muita pena de Joy e receio que o Rato acabe aprontando alguma para ela.

— É meu receio também — admitiu Clóvis.

A derrota na quinta prova pôs o Rato mal-humorado. Quando se encontrou com Joyce, no dia seguinte, estava um tanto desarvorado. Foi logo dizendo:

— Acho que o escoteirinho está metido em macumba. Tem pai-de-santo aí. Eu já estava com a corrida ganha, quando o

motor pipocou. Mandinga. Mas temos mais duas pela frente. Agora vamos ter o nosso papo, Joyce.

— Que papo?

— Ora, do noivado! — exclamou o Rato. — Tenho falado disso nas entrevistas. Um pouco de publicidade sempre ajuda um craque. Vamos badalar, como os atores da tevê, quando ficam noivos ou se amarram.

— O que você quer que eu diga?

— Precisamos marcar a data. O que diz de ficarmos de anelão no dedo no dia em que eu ganhar o campeonato?

Joyce não podia perder essa:

— E se não ganhar?

— Feche essa boca, garota! Ganho, sim.

Ela repetiu a dose de veneno:

— Você pode perder, não pode?

Rato segurou-a fortemente pelo braço.

— É isso que você quer?

— Largue! Está me machucando!

— Quero que não se esqueça do que prometi sobre o escoteirinho. Se você der mancada, quem paga é ele. Não embarque numa furada, que se arrepende depois. Quanto ao noivado vai ser no dia do campeonato. E avise a veterana, dona Selma, para ir pensando nos doces.

Joyce quis protestar, quis dizer que não ficaria noiva dele, que o detestava, mas novamente a ameaça que recaía sobre Felipe a calou. Quando voltou para seu apartamento, abatida, dona Selma logo imaginou que algo se passava.

— Brigou com o namorado?

— Sandro não é meu namorado. O que sinto por ele é ódio! — gritou.

— Dessa não sabia — espantou-se dona Selma. — Ele disse outro dia no rádio que vocês vão ficar noivos!

— Isso pode até ser verdade — replicou Joyce. — Mas nada me impede de odiá-lo.

Dona Selma, confusa, lembrou um fato.

— Pensei que estivesse aborrecida com aquele rapaz, com quem discutiu outro dia, aí, diante do elevador. O mocinho que veio aqui, outro dia.

— Felipe?! Esse sim, eu amo — disse Joyce.

— Enxotou-o daqui e o ama?

— Enxotei-o e o amo — confirmou Joyce com naturalidade.

Dona Selma sacudiu a cabeça.

— Estou ficando velha demais. Não entendo a mocidade de hoje. Namora quem odeia e expulsa o moço que ama. Faz sentido?

Joyce teve de concordar com ela.

— É, não faz nenhum sentido.

Felipe vivia dias agitados. No período da manhã fazia o cursinho. Depois, passava na academia para esmurrar o saco de areia e pular corda. Em seguida, almoçava e partia com Clóvis e Tuta para a pista de treinos. Á noite, ou descansava, ou ia ao Vagão, mas apenas para espiar. Não dançava, ficava em uma das mesas, tomando refrigerantes. Às vezes, Débora se aproximava, porém não demonstrava interesse. Joyce não aparecia mais, sinal de que Rato, após a última derrota, andava de moral baixo, recolhido, sem gás. No entanto, mesmo acompanhada pelo seu grande inimigo, Felipe gostaria de vê-la no Vagão. Aí o sofrimento teria um gosto, enquanto a ausência era só o vazio. O jeito foi lembrar-se das exibições de *rock* que os dois haviam feito na pista. Que barato!

Contudo, nem isso — lembrar — Felipe pôde fazer. Um chato, que conhecia só de olá, sentou-se em sua mesa e blablablou:

— Soube da Joy e do Rato? Vão ficar noivos no dia do encerramento do campeonato. Ele promete uma festa dupla.

— É capaz de guardar um segredo? — perguntou Felipe.

— Chute.

— Ele não vai ganhar o campeonato — disse Felipe em seu ouvido, indo depois ao bar, pagar a conta.

Bauru, cenário da sexta prova.

Tuta tratava da moto, preocupado.

— O que há? — perguntou-lhe Felipe, nos boxes.

— Uma pecinha marota...

— Não dá para trocar? — quis saber o piloto, aflito.

— Está faltando no estoque de reposição. Mas não encuque, Fê. Acho que ela vai suportar o tranco. Corra como se tudo estivesse perfeitinho. O homem lá de cima — apontou para o céu — vai ajudar.

Lola entrou nos boxes e abraçou o sobrinho. Ótimo. Felipe achava que ela dava sorte.

A saída foi um tanto embaraçada, mas Felipe ganhou logo a ponta. Na décima volta, perdeu a liderança para o Rato, po-

rém, na mesma, recuperou-a. Estava confiante no resultado, ouvindo a farra da galera, quando um toc-toc anunciou problema. Em seguida, o acelerador falhava. Viu algumas motos passarem. Subitamente, o motor pegou outra vez. Mas não foi longe. Voltou a falhar, fazendo um barulho esquisito.

A boca seca, desesperado, Felipe foi empurrando a máquina até os boxes, já vendo Clóvis e Tuta correrem ao seu encontro.

— Vamos dar um jeito nisso — disse Tuta.

— Não vai dar — replicou Felipe. — Voltaria em último lugar.

No mesmo instante, o locutor anunciava:

— Rato assume a liderança! Agora ninguém lhe tira esta.

Felipe não quis ouvir nem ver nada. Mesmo se dessem um jeito na moto, não voltaria à pista. A corrida estava perdida. Foi se afastando dos boxes na direção do estacionamento de carros. Na próxima e última corrida, mesmo vencendo, não ganharia o caneco, caso o Rato marcasse pontos nesta. Largou-se no paralama da caminhonete de Clóvis, ouvindo os motores e a voz esganiçada do locutor. Tapou os ouvidos com as mãos espalmadas. Sua dor exigia silêncio.

Felipe perdeu a noção do tempo e só deu por si ao ver Clóvis, Tuta e Lola correndo em sua direção, a agitarem os braços. Clóvis foi o primeiro a falar:

— Levante daí, garoto.

— Me deixem, estou arrasado.

— Seu santo é forte — disse Tuta rindo. — Deus vai com sua cara.

Clóvis, Tuta e Lola riam e ele nada entendia. Deveria rir também? Não era hiena.

— A motoca do Rato quebrou na penúltima volta — informou o tio. — Ele também não marcou pontos.

— É verdade ou gozação? — perguntou Felipe, não acreditando.

— Tudo igual outra vez — disse Tuta. — Estão empatados.

Felipe olhou para Lola:

— Aconteceu isso mesmo, tia?

Ela abraçou-o.

— Você teve uma baita sorte, Fê! A decisão ficou para a final, em São Paulo.

Só então Felipe começou a rir e a abraçar a turma. Era a melhor notícia desde que começara o campeonato. Mas não sa-

bia o que dizer. Estava empolgado demais.

— Isso não merece uma comemoração? — perguntou Clóvis.

— Mas só merece! — exclamou Tuta. — Já estou doido por uma cervejola. De acordo?

— Vamos nessa, Tuta — disse Clóvis.

O resto do dia foi uma festa só, tendo como palco um restaurante repleto de fãs do *cross.* O Rato, porém, não apareceu por lá, Mas, no final, Felipe já estava preocupado.

— Será que a máquina não vai dar mancada domingo?

— Temos uma semana para nos preocupar com ela disse Clóvis. — Agora coma e beba. A felicidade é isso, uma coisa toda feita de instantes. Vamos aproveitá-los.

38

SÉTIMA CORRIDA (a última)

Na segunda-feira, depois do cursinho e dos socos na academia, Felipe foi para casa descansar. Não haveria treinos porque Clóvis e Tuta estariam consertando a moto, Largara-se na cama, a pensar na vida, quando a porta se abriu e uma miragem entrou.

— Joyce!

Como estava linda!

— Vim fazer uma visita rápida. Sei de tudo que aconteceu ontem. Minhas rezas funcionaram — garantiu a moça, aproximando-se da cama.

Embora estivesse noutro mundo, transportado pela surpresa, Felipe tentou pôr os pés no chão:

— Você rompeu com o Rato?

Era ela dizer sim e ele desceria do céu em pára-quedas.

— Esqueça o Rato, por favor — ela pediu num fio de voz.

— Não posso esquecer: você já o deixou?

Joyce não fora até lá para mentir.

— Não, Fê.

— Por quê, se não gosta dele?

— Vamos mudar de assunto — ela suplicou. — Falemos de você. Está confiante para a prova de domingo?

Felipe levantou-se da cama, rejeitando o diálogo.

— Se continua com ele, o que adianta conversar?

A moça deu alguns passos na direção da porta, depois voltou-se e deu um inesperado beijo no rosto de Felipe. Mas, sem clima para uma cena amorosa, deixou o quarto precipitadamente.

Momentos mais tarde, era tia Lola que entrava.

— Gostou da visita?

— Não — respondeu Felipe.

— Que gelo, Fê! — exclamou a tia. — Essa moça gosta demais de você! Ela mesma confessa.

— Talvez goste de mim e dele ao mesmo tempo.

Clóvis e Tuta apareceram à porta, sorridentes e sujos de graxa.

— A máquina já está no ponto — disse o tio. — Trocamos a peça quebrada e outras que já estavam gastas. Amanhã, depois dos treinos, faremos os ajustes.

— Obrigado — agradeceu Felipe. — Isso é o que interessa. Mas não era verdade. Seu maior interesse era outro.

O resto da semana, Felipe concentrou-se nos treinos, com a moto acertadinha, rendendo o máximo. Clóvis e Tuta entendiam mesmo do babado. Na quinta, aproveitando um feriado, sem aulas, passou mais tempo na academia.

O ex-pugilista, vendo Felipe castigar o saco de areia como nunca, perguntou:

— Como é o cara?

— Mais alto que eu, dois anos mais velho e cheio de manha.

— Olha, se houver atrito, esmurre logo a mandíbula. Todo mundo tem queixo de vidro. Já que ele é mais forte, ataque primeiro. Um no queixo, outro no estômago. Mas brigue em lugar público, com gente perto, pois logo chega a turma do deixa-disso e segura.

— Certo, campeão.

No Vagão, Felipe encontrou um ambiente tenso. Amigos do Rato passavam, sorriam e diziam piadinhas. O jornalista especializado estava lá.

— O Rato continua espalhando que fica noivo no domingo. Você confirma?

— Pergunte pra moça. Ela é que deve saber. Felipe aprendera que corridas se decidem nas pistas. Esnobar os

adversários não adiantava. Ás vezes uma pecinha quebra e todo o oba-oba vai para o brejo. Muitas vezes naquela noite foi cercado para adiantar previsões. Recusava-se.

— Não sou adivinho nem Mandrake. Domingo a gente vê o que dá para fazer.

O Rato, porém, não procedia assim. Entrevistado por duas estações de rádio, em programas esportivos, não deixou por menos.

— Vai ser um passeio — garantiu. — Se eu e o escoteirinho chegamos à última prova empatados, foi porque a máquina deu problema em algumas corridas. Mas agora ela está afinadinha e com força total.

— E tudo bem com a gata? — perguntou o radialista.

— Ela vai estar na primeira fila da galera pra ver meu des-file — disse. — De vestido novo e anelão no dedo. Aliás, espero que todos compareçam ao Vagão, na noite de domingo, onde vou lustrar o meu troféu.

Felipe ouviu as declarações no seu transístor, mas não abriu a boca. Era melhor que o piloto guardasse toda sua marra para o domingo.

No sábado, um telefonema do interior.

— Fê, como você está?

— Eu estou bem, mãe. Ontem ganhei uma bela nota em geografia.

— O que eu quero saber, filho, é se você está confiante na corrida. O pessoal daqui está planejando uma homenagem a você, caso ganhe o campeonato.

— Agradeça por mim, mas não posso prometer.

— Sua irmã e o cunhado estão mandando uma força.

— Vai ajudar, espero.

— Felicidades, filho. É o que a cidade toda está desejando também.

“Farei o possível para não decepcionar aquela gente”, pensou Felipe. E daquele momento em diante passou a viver sobre rodas.

A última prova do campeonato Força Livre atraiu imenso público e horas antes da largada a festa já começara. O zepelim estava lá, no espaço, como um charuto metálico, a refletir a luz solar. Embaixo, aquele excesso de cores e formas festivas. O Satellite Five comparecera quentíssimo e nos boxes a movimentação superava longe a das corridas anteriores.

Felipe, paradão, só olhava. O tio preocupou-se.

— Algum grilo?

— Estou legal. Essa onda toda é que mexe um pouco com a gente.

Tuta passou-lhe uma dica:

— Vi Joy na arquibancada. Está no apogeu.

— Quero saber só da moto, Tuta.

— Enxutinha. Não tem mosquito. Vai fundo.

Em certo momento, Felipe percebeu que pousavam nele um olhar de fazer lagartixa cair da parede. Era o Rato, com seu blusão de couro marchetado, a lhe desejar o pior. Fez figa e saiu de perto. Então, o diretor da prova deu o aviso: todos na pista com suas motos.

As vinte máquinas tomaram posição. Lola atirou um beijo para Felipe, na primeira fila com o Rato. Este, até os últimos momentos, dava autógrafos aos fâs e empertigava-se.

O *starting-gate.* Três minutos. Dois minutos. Atenção: um minuto. “Estou frio”, pensou. Melhor frio que nervoso. Em que parte da arquibancada estaria... Dada a partida. Já???

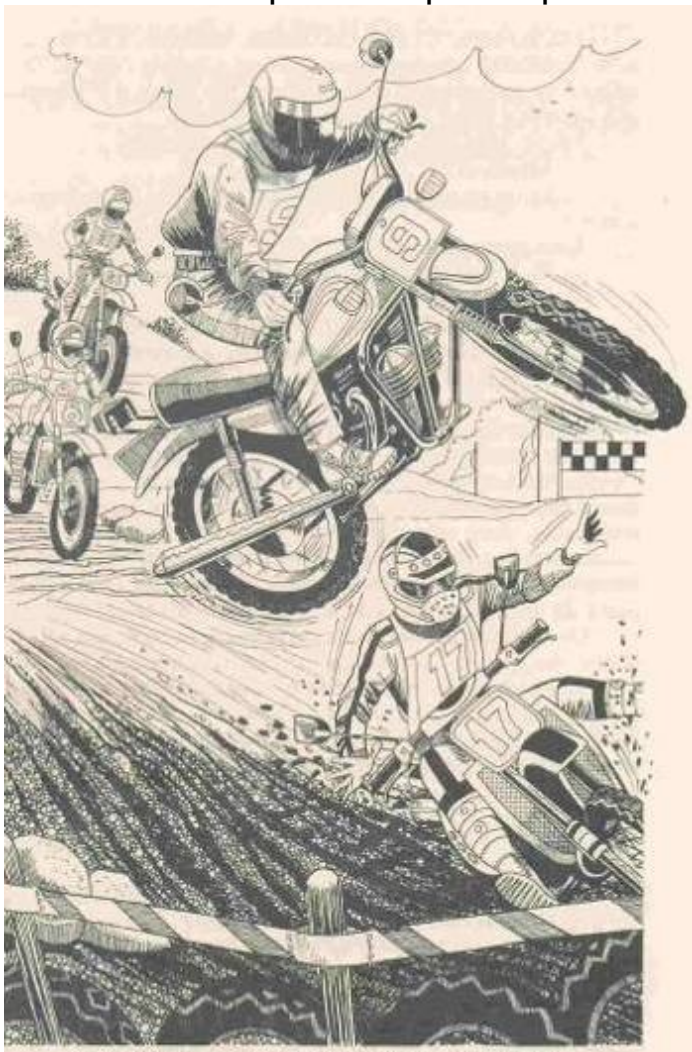
Os afobadinhos saltaram na frente e fizeram um caixote. Felipe não gostou. Se um daqueles caretões caísse em sua linha, não daria para pular fora. Precisava escapar da entalada sem atropelos. Quando viu uma brecha acelerou e deixou uns três na rabeira. Mas ainda não avançara muito. Um cuca-fresca, diante de sua moto, ziguezagueava, travando-o. Precisou esperar uma volta para ultrapassá-lo numa curva em aclive. Os bolhas iam ficando. Já devia estar no primeiro pelotão. Logo ouviu o locutor:

— Rato já disputa a liderança com Gregório, que não quer ceder!

O maior buracão da pista. Saltava ou contornava? “Pode ser que Joy não chute o Rato por medo dele”, pensou. E lá foi ele. Grande pulo! O público aplaudiu. Nesse lance, mais um concorrente ficou. Uma costela-de-vaca. Não teve medo. Era só dar uma de jóquei, mãos firmes e corpo mole. “Mas Joy não era medrosa. Tinha personalidade para esbanjar. A não ser...” Alguém, que largara à sua frente, exagerou numa curva fechada e afocinhou. Mais uma posição conquistada. Agora, sim, o terreno começava a limpar. Lembrou-se de uma frase do tio Clóvis: finja que é uma corrida comum, mas pelo amor de Deus, não esqueça que não é. Já podia dar tudo e pôr o excesso de cautela de lado. Nesse embalo, passou por outro competidor

no justo momento em que o locutor anunciava:

— Felipe Mota agora é o quarto. Haverá o grande pega entre ele e o Rato? Vocês não perdem por esperar.



Felipe deparou-se com o maior buraco da pista. Num impulso, deu um belíssimo salto e foi aplaudido pela torcida.

Felipe já não pensava, não fazia cálculos, não se preocupava com o público — corria. Mais uma volta e passou a ocupar a terceira colocação, vendo o segundo colocado preocupado à sua frente, tentando fechar-lhe a passagem em ziguezagues. Pior que isso eram os retardatários, uma volta atrás, que já eram alcançados. Teve de ultrapassar vários. Mas foi sorte! O segundo colocado atrapalhou-se mais que ele, com o trânsito, perdeu o pique, e enquanto esforçava-se para impedir-lhe a passagem à direita, Felipe arrancou pela esquerda, ganhou a posição e agora só o Rato à sua frente.

Era o que o público queria ver: Felipe e Rato disputando a liderança nas duas últimas voltas. Agüenta coração! A galera toda levantou-se numa frenética torcida. O *rock,* mais forte, acelerava o ritmo da competição, que o locutor, envolvido, já

não conseguia descrever.

O Rato corria com os olhos no retrovisor: havia uma fera atrás dele. No desespero, sua moto piruetou e perdeu espaço. O escoteirinho era sua sombra. Uma costela-de-vaca. Sem pena dos pneus, Felipe avançou aos pinotes, faturando mais alguns metros a seu favor. Olhou de lado: quem está aí! Estavam emparelhados.

Centenas de espectadores correram para a cerca da pista. Ninguém queria perder nada. Lola abraçou-se a Clóvis. Tuta colocou-se na linha de chegada. E onde estava Joy naquela confusão toda?

O último king-kong: Felipe e Rato saltaram juntos. Bom para Rato, que retomou a dianteira. Mas o refresco foi curto. Na próxima curva, fechadíssima, Felipe primeiro emparelhou, depois passou. Rato, não conformado, reagiu e retomou a liderança. Agora era ora um ora outro que aparecia na ponta.

— Quem vencerá? Quem vencerá? — gritava o locutor. Finalzinho! A chegada era logo ali. Cem metros? Menos.

Felipe e Rato vinham juntos, quase imperceptíveis sob o mundo de papéis coloridos, que rodopiavam no espaço e confundiam a visão geral. Mas um deles, por culpa do piloto ou da máquina, subitamente ficava para trás no momento decisivo. E sem tempo e chão para recuperar-se, enquanto o vencedor, sob a chuva de papéis que se intensificava, cruzava a chegada, totalmente curvado sobre a moto.

— Quem venceu? O Rato? — perguntava Lola, agora perdida no meio do público.

Era uma pergunta ansiosa que muitos faziam, até que o locutor de pista anunciou:

— Felipe Mota venceu a prova e o campeonato Força Livre de *Motocross!!!*

Felipe viu o tio e Tuta diante dele.

— Fui bem, homem gordo?

— Você foi genial! — bradou Clóvis.

— Uma corrida de mestre! — exclamou Tuta, abraçando-o.

Logo em seguida aparecia Lola com o rosto molhado de lágrimas.

— Fê! Você é o máximo!

Felipe quis dar uma espiada na cara do Rato, mas foi arrastado para o pódio. Rodeado pelo grande público, que o aplaudia, subiu ao degrau mais alto. Abaixo estava Roberto, número 11, que ficara com a terceira colocação. E o Rato?

Os organizadores também procuravam pelo segundo colocado, mas nada de ele aparecer.

Rato localizou Joyce na arquibancada.

— Vamos.

— Quero ficar aqui — disse ela.

Sem dizer uma palavra, Sandro pegou-a pela mão e foi praticamente arrastando-a até o estacionamento de carros. Joy protestava, inutilmente. Chegando, ele abriu a porta de seu carro e ordenou:

— Entre.

— Não quero entrar.

Rato empurrou-a com força, entrou no carro e deu a partida. A moça não se resignou, reagindo.

— Para onde está me levando?

— A um lugar onde possamos conversar.

— Conversar sobre o quê? — perguntou Joyce.

— Sobre nosso noivado. Já comprei as alianças.

— Não vai haver noivado algum — disse Joyce. — Pode brecar o carro.

Rato renovou a velha ameaça:

— Então pode imaginar o jeito que vou deixar o escoteirinho. Outro para a cadeira de rodas.

— Isso já não me assusta, Sandro. Felipe saberá se defender. Breque.

Rato parou o carro e Joyce desceu. Mas ele desceu também e foi andando na direção dela.

— O que vai fazer? — perguntou Joyce, um tanto apavorada. A vingança ia recair sobre ela. — Sandro! Está doido?

Depois de descer do pódio, evitando os cumprimentos e abraços, Felipe saiu à procura de Joyce, mas não a encontrou em nenhuma parte. Tia Lola surgiu ao seu lado.

— Acho que está na hora de saber tudo, Fê...

— Sobre Joy e o Rato?

— Sim. Joyce não rompia o namoro porque Rato fazia ameaça. Dizia que, se ela o abandonasse, se vingaria em você. É uma boa moça e não queria que isso acontecesse.

Felipe entendeu.

— Durante a prova imaginei qualquer coisa assim. Mas onde deve estar agora?

— Aposto que ela vai aparecer hoje no Vagão. Vamos nos

reunir lá para comemorar. — E em outro tom: — Agora faça uma cara alegre para os fãs. Estão assanhados.

Campainha. A mãe de Joyce abriu a porta e deu um recuo.

— Que é isso, minha filha? Está machucada?

— Estou, mãe. Um pouquinho. Mas apesar disso nunca me senti melhor.

Para dona Selma isso não explicava nada.

— Quem a feriu no rosto?

— O Rato.

— Rato?

— Mas tudo bem! — disse Joyce abraçando a mãe. — As coisas vão voltar ao normal.

Dona Selma balançou a cabeça.

— Um estúpido machuca você e diz que está tudo bem...

Joyce beijou-a.

— Quem é mesmo que escreve direito por linhas tortas?

39.

Era uma noite especial no Vagão. Numa mesa de centro, Felipe, Lota, Clóvis e Tuta comemoravam a vitória do campeonato, comendo e bebendo, o campeão a todo instante interrompido pelos admiradores que chegavam. O jornalista especializado fora um dos primeiros a aparecer.

— Você vai longe, moço — disse.

— Ainda não decidi até onde — respondeu Felipe.

Débora também chegou para um plá, acompanhada dum moço muito distinto, provavelmente de agrado da mãe dela.

— Fê... estou tão satisfeita com o campeonato. Este é o Patrick.

Mais tarde, Tuta apontou para a pista:

— Veja quem está lá, Fê!

Era o Rato, dançando com uma garota, alegrão, descontraido, como se fosse ele o ganhador do troféu. Felipe ficou intrigado: que proeza fizera para festejar assim? Eu, no lugar dele, desaparecia do Vagão para sempre. O que comemorava?

A resposta veio logo sobre suas próprias pernas. Alguém tocou no braço de Fê.

— Joy? Tia Lota me contou tudo. Você tem um grande coração. Mas o que tem no rosto? Tire os óculos.

Joyce hesitou, mas tirou os óculos, enormes, que usara para encobrir um ferimento.

— O que foi, Joy? — perguntou Lota.

— Nada.

— Levou algum tombo? — quis saber CLóvis.

— Levei, isto é...

Felipe quis saber a história toda.

— Conte, Joy. Alguém bateu em você?

Sob os olhares de todos, Joyce confessou:

— Foi o Rato. Mas agora tudo acabou. Ele vai nos deixar em paz, Fê. Esqueçam.

Felipe ergueu-se e dirigiu-se à pista de dança. Rato e a garota dançavam.

— Com licença — pediu Felipe à garota, que largou o par.

Em seguida, como se quisesse fazer um furo no mundo, Felipe deu um soco no Rato, sem saber se acertara o queixo ou não. Sandro foi arremessado de encontro a uma mesa, fazendo cair pratos, copos e garrafas. “Não dê tempo para o adversário se recuperar”, aconselhara o ex-pugilista. Felipe correu para ele e esmurrou-o outra vez. Rato caiu, mas se levantou num salto, como se suas pernas fossem um par de molas. Um-dois: bombardeou-o Felipe. A gente nasce com dois braços, pra que lutar com um só?

— Seu escoteirinho... — murmurou o Rato, ensaiando uma ginga.

Vendo que o Rato se dispunha a atacar, Felipe soltou o corpo e abaixou, quando o outro largou a primeira bomba. A essa altura, o pessoal todo do Vagão aproximava-se, atraído pelo espetáculo extra. Não era o dia de sorte de Sandro, que errou o segundo petardo e ficou meio desequilibrado. Felipe contra-atacou: pam-pam.

— Onde ele aprendeu a lutar assim? — perguntava Clóvis a Tuta.

Acertado e recuando, ainda surpreso, Rato aterrissou sobre outra mesa, exposto aos socos de Felipe. Covardemente, tentou apanhar uma garrafa, que ia arremessar, quando os do deixa-disso o seguraram, dominaram e, esbravejando, xingando, esperneando, foi expulso do salão.

Quando voltou à mesa, Felipe sentiu-se agarrado por uma criatura muito mais suave: Joy.

— Fê, você esteve formidável!

— Ele merecia um castigo, não?

Clóvis acenou ao gerente.

— A despesa do quebra-quebra é minha! Ponha tudo na minha conta. Pago com prazer!

Tuta não cabia em si de satisfação.

— Puxa! Você lutou como um boxeador!

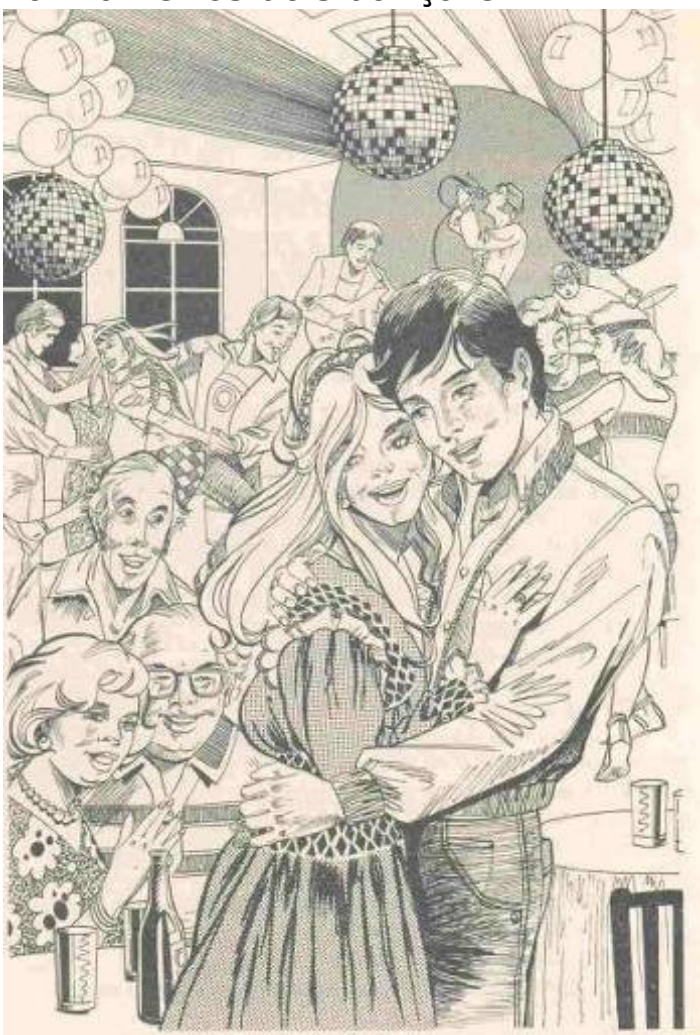
— Andei tomando umas aulinhas, Tuta! Lembra do ferimento na minha mão? Saco de areia!

O *rock,* que havia sido interrompido na bagunça, recomeçou. Os pares sairam para dançar.

Joyce abraçou o namorado:

— Vamos nessa, Fê? Mas nada de *show.* Quero dançar coladinha.

Clóvis, Lota e luta, sorrindo, como se posassem para uma foto, unidos, ficaram a ver os dois dançarem.



Clóvis, Lola e Tuta, sorrindo, como se posassem para uma foto, compartilhavam de perto a alegria dos dois namorados.

— Formam um belo par! — comentou Lota.

O troféu conquistado por Felipe ficou em lugar de destaque na sala de jantar da casa dos tios. Quem visitasse a família, logo ouviria de Clóvis ou de Lota:

— Veja o caneco que Fê ganhou. Um luxo, não?

Qualquer rapaz ficaria muito orgulhoso, mas Felipe não. Parecia estar com a cabeça longe das pistas.

— O Rato foi expulso da associação por causa da agressão contra Joy — informou Clóvis. — E como já aprontara outras, a coisa ficou feia. Dizem que pegou sua moto e se mandou.

Felipe não comentou nada. Joyce, que estava perto, também não disse nada. Rato já era o passado.

— Podemos inscrever você no campeonato estadual — disse Tuta,

— E por que não logo no nacional? — corrigiu Clóvis, muito otimista em relação a tudo, desde domingo.

Observando bem o campeão, abraçado a Joy, Lota ponderou:

— O próprio Fê é quem deve decidir.

Felipe sorriu; ela sempre penetrava no seu *lá dentro.* O tal de sexto sentido das mulheres?

— Não estou pensando em participar de campeonatos — disse Felipe. — As emoções que senti, aposto que jamais se repetiriam. Acho até que não sou um corredor, tudo foi uma teima.

— O que está dizendo? — perguntou Tuta. — Não é o quê?

— Agora vou me preparar para outro campeonato, que tem muito mais obstáculos, muito mais curvas e surpresas e do qual participa um número infinitamente maior de concorrentes.

Tuta franziu a testa. Tinha os tímpanos afetados, devido ao ruído dos motores, e geralmente não entendia bem.

— Que campeonato é esse? — perguntou.

— O campeonato da vida! — respondeu o homem gordo, dando partida a uma gargalhada geral. — Entendeu, surdo? E nesse há corridas todos os dias...

Ainda a rir, Felipe e Joy saíram para a rua, abraçados. Embora sem a faixa de campeão, sem o troféu, anônimo pedestre, ele sentia-se o rei do mundo e o dono do futuro. Joy, vibrando de felicidade, depois de tanta dor e ansiedade, exclamou:

— Oh, Fê... como seria bom se este dia nunca acabasse!

Embora a história que você leu seja toda emoção, há nela um ensinamento que vale a pena guardar. É quentíssimo:

Felipe: — Já sei tudo (...)

Clóvis: — Não diga isso, Fé. A gente nunca chega a saber tudo de coisa alguma. Até a morte, estamos sempre aprendendo.

Marcos Rey

Este livro é distribuído GRATUITAMENTE pela equipe DIGITAL SOURCE e VICIADOS EM LIVROS com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de apreciar mais uma manifestação do pensamento humano.

Se você tirar algum proveito desta obra, considere seriamente a possibilidade de adquirir o original.

Incentive o autor e a publicação de novas obras!

Se quiser outros títulos nos procure.

Será um prazer recebê-lo em nosso grupo.

http://groups.google.com/group/viciados-em-livros1

http://groups.google.com/group/digitalsource